

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

EMERSON TREVISAN

**A FEIRA LIVRE EM IGARASSU: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS
DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA; A CONVIVÊNCIA DO
FORMAL E O INFORMAL.**

**RECIFE
2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

EMERSON TREVISAN

**A FEIRA LIVRE EM IGARASSU: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS
DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA; A CONVIVÊNCIA DO
FORMAL E O INFORMAL.**

**Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Geografia do Departamento de
Geografia da Universidade Federal de
Pernambuco, para obtenção do grau
de Mestre.**

**Orientador: Professor Doutor Jan
Bitoun.**

**RECIFE
2008**

Trevisan, Emerson

**A feira livre em Igarassu: uma análise a partir os dois circuitos da economia; a convivência do formal e o informal / Emerson Trevisan .
– Recife: O Autor, 2008.**

118 folhas : il., fig., fotos, tab.

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.
CFCH. Geografia, 2008.**

Inclui: bibliografia

1. Geografia. 2. Vida suburbana. 3. Urbanismo. 4. Feiras livres – Igarassu(PE). 5. Feirantes – História. 6. Igarassu(PE) – História. I. Título.

**911
910**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2008/66**

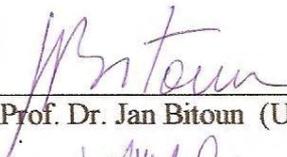
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS –DCG
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA –CMG

EMERSON TREVISAN

**Título: “OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA: O FORMAL E O INFORMAL
EM CONVIVÊNCIA NA FEIRA LIVRE EM IGARASSU”**

BANCA EXAMINADORA

TITULARES:

Orientador: 
Prof. Dr. Jan Bitoun (UFPE)

1º. Examinador: 
Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira Rodrigues (UFPB)

2º. Examinador: 
Prof. Dr. Cláudio Jorge Moura de Castilho (UFPE)

APROVADA em 11 de abril de 2008.

RCMS

Dedico este trabalho às minhas três eternas paixões: Sú, Manana e Nati. São vocês que dão sentido e alegria à minha vida. Agradeço por fazerem parte deste momento tão especial de minha existência.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Jan Bitoun, pelo auxílio em todas as fases da pesquisa e pela paciência durante a redação da dissertação.

Ao professor Cláudio Castilho, pelas ponderadas colaborações e conversas que ajudaram em muito para o entendimento do tema.

À minha esposa, pelo auxílio com a correção do Português; minha fraqueza.

Ao professor e historiador Guilherme Jorge Paes Barreto Neto, pela grande colaboração com os dados do Município de Igarassu, sem essa cooperação não seria possível a conclusão dessa pesquisa.

Aos feirantes pela colaboração sempre prestativa e solidária, provando a hospitalidade e solidariedade do povo nordestino.

Às recepcionistas da biblioteca da CODEPE/FIDEM, que sempre tiveram presteza e carinho no atendimento.

Aos meus alunos do Ponto Cidadão, pelo incentivo.

Enfim a todos que, de alguma forma colaboraram para minha formação acadêmica.

Oh Josué eu nunca ví tamanha desgraça
Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça
Peguei o balaio, fui na **feira** roubar tomate e cebola
la passando uma véia, pegou a minha cenoura
Aí minha véia, deixa a cenoura aqui
Com a barriga vazia não consigo dormir
E com o bucho mais cheio comecei a pensar
Que eu me organizando posso desorganizar
Que eu desorganizando posso me organizar
Que eu me organizando posso desorganizar

Chico Science

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo geral de compreender as dinâmicas, no espaço da Feira Livre de Igarassu, PE, distante 27 km da capital do estado de Pernambuco: Recife. Entre os objetivos específicos estão: compreender o processo histórico da feira livre de Igarassu; entender a formatação do espaço da feira livre por meio de suas materialidades e das ações que garantem o movimento comercial; verificar a posição geográfica de Igarassu e da feira livre, por meio de ortofotocartas, fotos aéreas e de satélites para entender sua relação com seu entorno; investigar a importância da feira para seus usuários e trabalhadores, não só no âmbito econômico, mas também no social. Formula-se a hipótese que as dinâmicas espaciais da Feira Livre ocorrem, em grande parte, devido a sua localização entre o urbano/ rural. Para atingir os objetivos propostos, foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento cartográfico da Cidade de Igarassu e seu entorno, para a localização da Feira Livre de Igarassu e sua área de influência; entrevistas com feirantes, por meio de histórias de vida, e com os consumidores por meio de questionários quantitativos; levantamento quantitativo dos objetos que compõem a estrutura da feira, da quantidade de feirantes, da quantidade de estabelecimentos comerciais de serviços no entorno do objeto de estudo, da estimativa de consumidores do município e da região; levantamento bibliográfico; tratamento e interpretação dos dados. Averiguamos que a posição geográfica da Feira Livre colabora para diversidade de atividades econômicas e sociais ocorridas em seu espaço. Ressaltamos a importância deste espaço para a vida econômica e social do município. Encontramos, na relação entre atividades formais e informais, uma das condições que garantem ao espaço da feira uma centralidade em relação a sua região.

Palavras Chave: Feira Livre, Centro Comercial, Igarassu, Pernambuco.

ABSTRACT

The present work has the general objective to understand the dynamic, in the space of the Free Fair of Igarassu, PE, distant 27 km of the capital of the state of Pernambuco: Recife. Between the specific objectives they are: to understand the historical process of the free fair of Igarassu; to understand the formatting of the space of the free fair by means of its materiality and of the actions that guaranty the commercial movement; to verify the geographic position of Igarassu and the free fair, by means of ortofotocartas, aerial photos and of satellites to understand its relation with its surrounding areas; to investigate the importance of the fair for its users and workers, not only in the economic scope, but also in the social one. It is formulated hypothesis that the space dynamic of the Free Fair occur, to a large extent, due its urban localization between the agricultural one. To reach the considered objectives, the following methodological procedures had been carried through: cartographic survey of the City of Igarassu and its surrounding areas, for the localization of the Free Fair of Igarassu and its area of influence; interviews with worker fair, by means of histories of life, and with the consumers by means of quantitative questionnaires; quantitative survey of the objects that compose the structure of the fair, of the amount of worker fair, the amount of establishments commercial employees of services in surrounding areas of the study object, of the estimate of consumers of the city and the region; bibliographical survey; treatment and interpretation of the data. We inquire that the geographic position of the Free Fair collaborates for diversity of occurred economic and social activities in its space. We stand out the importance of this space for the economic life of social of the city. We find, in the relation between formal and informal activities, one of the conditions that guaranty to the space of the fair a center in relation its region.

Keywords: Free fair, Commercial Centre, Igarassu, Pernambuco.

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 01	Produção agrícola municipal 2005..... 25
Tabela 02	Sinopse preliminar do censo demográfico 2000 – Pernambuco.... 36
Tabela 03	Evolução da população do Município de Igarassu– 1970-2007..... 40
Tabela 04	Tempo de trabalho dos feirantes nas tarimbas..... 65
Tabela 05	Tabela dos tipos de boxes e sua quantidade..... 69
Tabela 06	Relação dos tipos de boxes quanto ao trabalhador..... 71
Tabela 07	Relação dos equipamentos urbanos do entorno da feira livre de Igarassu..... 81
Tabela 08	Relação dos equipamentos privados do entorno da feira livre..... 82
Tabela 09	Características dos Dois Circuitos da Economia Urbana de Países Subdesenvolvidos..... 90
Tabela 10	10 maiores PIB das cidades de Pernambuco..... 97
Tabela 11	Tabela de tendência de local de compra dos consumidores da feira..... 102
Tabela 12	Tabela procedência dos consumidores da feira..... 102

LISTA FOTOGRAFIAS

	Página
Foto 01 Vista da câmara municipal, dos bairros; vila da Chesf e Beira-mar 2.....	26
Foto 02 Veículos de transportes de turistas no sitio histórico de Igarassu.....	39
Foto 03 Representação do movimento da feira.....	49
Foto 04 Mercado municipal e feira livre de Igarassu 1955.....	51
Foto 05 Largo da feira.....	52
Foto 06 Foto aérea do sítio histórico de Igarassu 1981.....	53
Foto 07 Foto aérea do sítio histórico de Igarassu 1998.....	54
Foto 08 Foto do centro comercial Dalila vera cruz 1984.....	56
Foto 09 Foto de uma tarimba na feira livre de Igarassu.....	62
Foto 10 Foto da tarimba de produtos diversos.....	63
Foto 11 Foto da tarimba com roupas usadas.....	64
Foto 12 Rua Jerônimo Cavalcante aos sábados.....	66
Foto 13 Foto de uma das ruas da feira com ambulantes.....	67
Foto 14 Foto de boxes na feira livre de Igarassu.....	70
Foto 15 Foto do mercado da carne na feira de Igarassu em um sábado.....	72
Foto 16 Foto de Box de carne fora do mercado das carnes.....	73
Foto 17 Foto do espaço para comercio de peixes e frutos do mar.....	74
Foto 18 Foto do mercado das farinhas.....	75
Foto 19 Foto da feira da sulanca.....	76
Foto 20 Foto aérea do sítio histórico de Igarassu 1981.....	77
Foto 21 Foto aérea do sítio histórico de Igarassu 1998.....	80
Foto 22 Foto de um Box na rua das frutas, na feira livre de Igarassu..	99

LISTA DE IMAGENS

		Página
Imagem 01	Estuário do canal de Santa Cruz, Igarassu – PE.....	24
Imagem 02	Ortofotocartas de 1974, da cidade de Igarassu às margens da BR 101 norte.....	34
Imagem 03	Às ortofotocartas de 1989, da cidade de Igarassu margens da BR 101 norte.....	35
Imagem 04	Configuração da feira livre de Igarassu.....	58
Imagem 05	Configuração das tarimbas padrão.....	59
Imagem 06	Rede de transporte alternativo de Igarassu.....	84
Imagem 07	Imagem do fluxo das cidades circunvizinhas e Distritos de Igarassu.....	104

LISTA DE FIGURAS

	Página	
Figura 01	Espacialização do Coqueiral e de outras culturas nos Municípios de Igarassu e Itapissuma – 1995.....	27
Figura 02	Expansão da mancha urbana.....	32
Figura 03	Sistema integrado de transporte urbano da RMR.....	37
Figura 04	Loteamentos existentes em Igarassu perímetro urbano legal – 2000.....	42
Figura 05	Disposição da Tarimbas na Feira Livre de Igarassu.....	62

SUMÁRIO

	Página
Resumo	07
Abstract	08
Lista de Tabelas.....	09
Lista de fotografias.....	10
Lista de Imagens.....	11
Lista de Figuras.....	12
Lista de Mapas.....	13
Introdução	15
Capítulo 1. O Espaço Urbano de Igarassu: a fronteira entre o urbano e o rural	20
1.1 - Igarassu, História e Heranças.....	20
1.2 - A expansão da mancha urbana: a Região Metropolitana e seus Eixos.....	29
1.3 - Igarassu na expansão da mancha urbana da RMR: transformações e adaptações.....	40
Capítulo 2. A feira livre de Igarassu, características, influências e importância regional	45
2.1- Feira no Brasil e no Nordeste.....	45
2.2- Feira de Igarassu no crescimento da mancha urbana e suas transformações.....	50
2.3- Feira de Igarassu fixos, fluxos e flexíveis.....	58
2.3.1- Feira Livre.....	59
2.3.2- Os boxes, espaços de diferenciados.....	68
2.3.3-Mercado da Carne, Mercado da Farinha e Feira da Sulanca.....	71
2.4- Feira Livre: seu entorno e sua centralidade.....	77
Capítulo 3: Os dois circuitos da economia: o formal e o informal em convivência na feira livre em Igarassu	85
3.1- O Espaço Geográfico; uma construção humana.....	85

3.1.1 O circuito Superior.....	91
3.1.2 O Circuito Inferior.....	93
3.2 Os Dois Circuitos e a Feira Livre de Igarassu.....	95
3.2.1 Feira Livre e o Circuito Superior: o formal no espaço informal	95
3.2.2 Feira Livre e o Circuito Inferior: o espaço informal, instável e contraditório.....	97
3.3 A Feira Livre de Igarassu, o Circuito Superior e Circuito Inferior: A convivência do formal e informal num espaço de lutas.....	101
Considerações Finais.....	106
Referências Bibliográficas.....	110
Anexos.....	115

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem origem na observação, que se transformou em inquietação, de uma cena do cotidiano. Um ambulante comercializando “macaxeira” na porta de um supermercado. Esta cena era incomum na realidade do autor que acostumado em seu lugar com os hipermercados, não compreendia de que forma tal comerciante competia com um agente do capitalismo moderno.

Com esse pano de fundo, essa dissertação tem como objetivo a tentativa de compreender as dinâmicas sócio-espaciais, bem como a construção do espaço da Feira Livre de Igarassu –PE.

Constatando o dinamismo presente no espaço da feira livre, busca-se entender, num determinado contexto histórico e espacial, a relação socioeconômica que consolidou um lugar de intensas e diversas relações comerciais.

Para um melhor entendimento, procuramos inteirar-nos dos conceitos de espaço, algo imprescindível para compreender o problema apresentado na pesquisa, refletindo sobre tais conceituações e sua importância.

Para abordar as instalações físicas da feira e os movimentos dos consumidores e dos vendedores buscamos em Santos (2006, pag.63) o conceito de espaço: *“O espaço é formado por um conjunto, indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”*. Reconheceu-se, na seqüência dos momentos históricos: a criação do espaço da feira livre; quais as forças que atuaram na sua construção; os movimentos de adaptação pelos quais esta estrutura comercial passou; e as influências da atualidade em sua dinâmica.

Indagou-se acerca da importância da modernização da economia para a transformação do lugar: Como esse processo de modernização da economia urbana de países subdesenvolvidos operou a divisão do espaço configurando estruturas comerciais para poucos abastados e outras para muitos com condições precárias de acesso ao consumo de bens e serviços.

Nesta cisão, surge a criação de subsistemas na forma de circuitos da economia urbana, em Circuito Superior, cuja principal característica é o capital intensivo e em Circuito Inferior, estruturado no trabalho intensivo. Esse ligado ao setor informal da economia, aquele ao setor formal e moderno. Dois subsistemas dentro de um sistema, no qual todas as formas de trabalho estão integradas, com a mesma origem: a modernização. Criando um movimento de organização e reorganização do espaço dos países subdesenvolvidos.

Deste movimento resulta, segundo Santos (2006: pag. 21) “um espaço descontínuo, instável e igualmente multipolarizado, resultado de uma grande instabilidade na organização do espaço com repetidos desequilíbrios e ajustamentos”. Marcado pela diferença na renda da sociedade, gera uma hierarquização expressa no nível regional; e, na escala local, provoca a coexistência de atividades de mesma natureza, mas de níveis diferentes, em modos de organização, uso da tecnologia e do trabalho.

Dessa forma, os resultados dessa modernização no estado de Pernambuco, e mais precisamente no município de Igarassu, influenciaram no processo de formação espacial, a depender de como as ações governamentais e privadas adaptaram-se ao processo de modernização.

Nas décadas de 1980 e 1990 a Região Metropolitana de Recife¹, passa por processos de reconstrução das diretrizes da expansão² desta região, baseados nos princípios da modernização. Partindo de Recife, núcleo radiador desse processo, e por meio de eixos de desenvolvimentos, tendo como balizador as estradas que penetram o território pernambucano. A expansão da mancha urbana vai chegar a Igarassu pelo eixo Norte, seguindo a BR 101 Norte.

No município de Igarassu, ocorre paralelamente a essas ações uma reestruturação do espaço urbano da cidade, com obras de infra-estrutura e incentivos para as indústrias; agentes da modernização. Entre essas obras de reestruturação, está a construção de uma nova área para a Feira Livre desta cidade. A feira é tradicionalmente um espaço privilegiado para as relações econômicas e sociais, especialmente no Nordeste Brasileiro.

Essas transformações, tanto da dinâmica urbana metropolitana quanto do espaço da feira de Igarassu, provocaram uma reestruturação das atividades comerciais tais como se desenvolviam em período anterior que procuramos resgatar com base em documentos e depoimentos.

Para tentar explicar essas transformações, procuramos suporte em conceitos necessários para a compreensão das transformações do espaço regional e local: o estudo da localização do Município de Igarassu, em relação ao urbano e rural; a reestruturação do espaço da Feira Livre de Igarassu, como se deu e qual seu resultado; as dinâmicas atuais na Feira Livre; e as relações nesse espaço dos Dois Circuitos da Economia Urbana dos países Subdesenvolvidos. Bem como

¹ Capital do Estado de Pernambuco.

² Plano Diretor da Região Metropolitana do Recife: Metrópole 2010.

desenvolvemos no trabalho os seguintes procedimentos metodológicos: a recontagem dos elementos “fixos” pertencentes ao espaço da feira livre; a realização de 500 entrevistas com consumidores da feira e 85 com feirantes; pesquisa nos arquivos da Prefeitura Municipal de Igarassu; levantamento fotográfico do local e seu entorno; confecção de mapas, figuras e planilhas com os dados recolhidos durante a pesquisa de campo.

Para uma melhor estruturação do resultado da pesquisa, este estudo foi dividido em três capítulos.

No primeiro buscamos entender o processo de formação espacial do Município de Igarassu, ressaltando, nas origens da colonização, especificidades baseadas no uso da terra pela cultura de cana-de-açúcar e na exploração do meio litorâneo, mais precisamente dos manguezais e da cultura do coco, planta de origem asiática que se tornou parte da paisagem cultural do local. Na tentativa de explicar a influência da posição geográfica na dinâmica da feira livre, originalmente inserida num contexto rural, identificamos a expansão da mancha urbana da Região Metropolitana Recife suas formas de penetração no território bem como as transformações sofridas no decorrer da urbanização parcial do município.

No segundo capítulo, procuramos descrever, com base em fontes bibliográficas, a evolução das feiras no território brasileiro, mostrando a importância destas para o Nordeste do país, relatando os tipos de feiras existentes. Resgata-se a história recente da feira de Igarassu, com base em documentos e depoimentos, e descrevem-se quais suas atuais instalações físicas, com base em levantamentos de campo, que revelam constantes transformações e adaptações em seu espaço, mas também no seu entorno.

No capítulo três, buscamos de modo introdutório a futuros aprofundamentos, nos afastar da empiria, recorrendo ao embasamento teórico, especificamente à concepção dos Dois Circuitos da Economia de Países Subdesenvolvidos³ e seus rebatimentos na produção do espaço. Procuramos identificar as atividades na feira que se inserem em cada circuito e vislumbrar a inter-relação que se realiza entre os dois circuitos no espaço da feira livre, que se configura cada vez mais como o núcleo de um Centro Comercial de alcance médio nos confins urbano/rural da parte norte da aglomeração metropolitana

³ O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. São Paulo: EDUSP, 2004.

1. O Espaço Urbano de Igarassu: a fronteira entre o urbano e o rural.

Neste capítulo, buscaremos abordar a localização do município de Igarassu, evidenciando as características de um município integrado à mancha urbana da área metropolitana de Recife, capital do estado de Pernambuco e situado na fronteira desta área metrópole com a zona rural litorânea norte do estado. Ressalta-se como estas características influenciam os processos de fixação de sua população neste espaço, colaborando para a formação da Feira Livre de Igarassu, nosso objeto de estudo.

1.1 Igarassu, História e Heranças:

Fundado em 1535 o município de Igarassu é citado por alguns historiadores como o mais antigo núcleo de povoação do país. Não é nossa intenção, nem pretensão analisar em sua totalidade a história de Igarassu, mas sim fazer alguns resgates que percebemos relevantes no processo de ocupação e formação do espaço do atual município. Considerando as colocações acima feitas, o conceito de espaço que permite a reflexão é aquele formulado por Santos (2006, p. 63), “O espaço é formado por um conjunto, indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Então, o espaço é o local onde são realizadas todas as ações humanas, nele o homem relaciona-se com seus semelhantes criando o espaço social onde desenvolve as relações sociais, com os animais selvagens e domésticos, com a natureza em seu próprio tempo.

No processo histórico de ocupação do município de Igarassu, desde a época da colonização portuguesa, principalmente no Nordeste brasileiro, a cultura da cana-

de-açúcar foi o principal fator de fixação do homem em terras brasileiras, conforme relata Diegues Junior, (1952, pag. 21) “A colonização do Nordeste começou com a construção de engenhos. Foi o açúcar o motivo da colonização, isto é, o fator a prender o elemento humano à terra”. Sendo assim Igarassu é um município, da região metropolitana do grande Recife em Pernambuco, localizado na micro-região de Itamaracá, na meso-região de Recife no estado de Pernambuco região Nordeste, influenciado pelas características socioeconômicas da cultura de cana-de-açúcar.

A cultura de cana-de-açúcar tem como principal característica a exclusividade, tanto no tocante à necessidade de grandes extensões de terra, quanto no domínio sobre outras culturas, principalmente as de subsistências. Esta característica vai marcar a ocupação das terras do litoral Nordestino Brasileiro, com ênfase para os estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Dentre as principais causas desta invasão no território Nordestino, podemos citar duas que influenciaram as relações socioeconômicas e ambientais até os presentes dias.

A primeira corresponde à destruição em quase sua totalidade da Mata Atlântica, para a limpeza da área e o plantio da cana, que no decorrer do processo histórico vai se ampliando; e também à utilização de madeiras nobres nas construções de casas, capelas e engenhos, bem como à queima da lenha para a geração de energia no método de produção do açúcar:

Foi na área de mata onde se implantou a economia agrária como base do processo de colonização portuguesa no Brasil. O que aí se encontrou de floresta ou de mata, pelo colonizador, teve utilização fundamental para que pudesse fixar-se uma cultura sedentária como a da cana-de-açúcar. As árvores constituíam, por muitos motivos, uma necessidade para os engenhos: para lenha das fornalhas, para edificações – casa grande, capela, casa de engenho – para o preparo de certas peças necessárias ao engenho, para o fabrico das caixas de açúcar. E sua derrubada abria terreno para plantar-se cana. (DIEGUES JUNIOR, 1952, pag. 27)

A segunda corresponde à transformação do modo de produção do açúcar, passando em fins do século XIX e início do século XX dos engenhos, base da ocupação e fixação do homem no Nordeste, para as usinas, acentuando ainda mais a exclusividade e necessidade de terras para o plantio da cana.

Enquanto os engenhos eram dotados de uma estrutura quase familiar com casa grande, senzala, casa de colonos; as usinas, um dos primeiros produtos da era industrial, passam por uma transição de trabalho semi-artesanal, para um processo industrial, necessitando assim de mais matéria-prima, e para isso de toda a terra disponível para o plantio da cana.

Esse exclusivismo da monocultura da cana tem reflexos devastadores na vida da população, que produzia nas terras do entorno dos engenhos, gêneros de subsistência. Terras estas que foram incorporadas principalmente para plantio e corte da cana:

O exclusivismo açucareiro relacionou-se intimamente à população agrária do nordeste; condicionou as linhas de sua formação, as diretrizes de seu desenvolvimento; condicionou também seu meio de vida, seu padrão social, suas contingências econômicas. Domínio quase absoluto desde cedo sujeitou à população da área açucareira do nordeste, este implemento pela monocultura da cana (Idem 1952, pag.193).

Com essa transição dos engenhos para as usinas, números crescentes de famílias de trabalhadores agrícolas passam a viver nas periferias das cidades, tendo este papel de prestação de serviços, entre eles bancários e administrativos. Nesta mudança, saem também do campo os senhores de engenho que perdem seu poder político, já que, com o advento das usinas passaram de produtores para fornecedores de matéria-prima. Bem como o trabalhador rural que nesse processo torna-se proletário do campo. Com isto ocorre o surgimento, nas periferias das cidades, das “favelas”, conforme afirma (ANDRADE, 1988: pag. 559):

Outro aspecto a ser destacado é o surgimento, a partir da década de Sessenta, com a proletarização do trabalho rural, de verdadeiras “favelas” na periferia urbana habitadas por famílias que deixam de residir em terras dos engenhos, mas que continuam exercendo a atividade rural, com deslocamentos diários. São os trabalhadores denominados por analogia aos de condições bastante semelhantes no Sudeste, de “bóias frias”.

Nessas condições de exclusivismo e segmentação da população, as feiras têm um papel importante, não só em produtos de subsistência e primeira necessidade, mas também na venda de roupas, chapéus, alpargatas, etc. Trazidos e comercializados nestes espaços, que também serviam para o contato do homem da área canavieira com o mundo exterior, tornando-se assim um espaço não só de comércio como de convívio social. Sendo situada em Igarassu, segundo Diegues Junior (1958) uma das primeiras feiras de gado do nordeste e corroborado por Barreto Neto¹ que afirma em entrevista: “A feira de gado” em Igarassu era exatamente onde hoje é o Centro Comercial, que posteriormente foi transferida para a cidade de Goiana-PE. Fez então a feira o papel de integração entre o campo e a cidade, fortalecendo assim a urbanização:

Atestando esses fatos, a feira semanal, de grande importância para a economia urbana dos centros interioranos, tem características bem peculiares no espaço de estudo. Funcionando como dia e local de convergência das pessoas e produtos, faz com que este acontecimento expresse o grau de relações entre campo – cidade, pois é nesse dia geralmente que o habitante rural dirige à cidade em busca dos serviços que lhe são oferecidos e, em troca, transfere para a economia urbana a renda gerada no campo. (ANDRADE, 1988: pag. 555).

Outra característica do município de Igarassu é a presença dos mangues, pois deles muitos pescadores tiraram e tiram sua alimentação e sustento, e também da pesca em rios e no mar. Apesar da modesta participação da Região Nordeste e

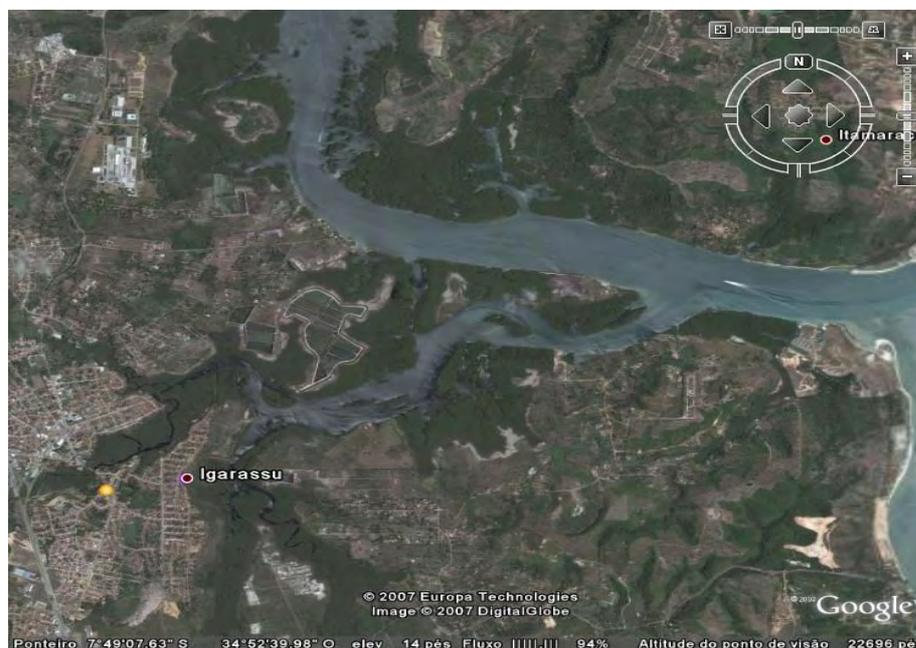
¹ Fonte: Historiador e Museólogo Jorge Guilherme Paes Barreto Neto, diretor do Museu Histórico de Igarassu.

do Estado de Pernambuco² na produção pesqueira nacional – 11,7% e 0,5%, respectivamente, a pesca desempenha importante papel na sobrevivência das comunidades do Litoral e Zona da Mata Pernambucano, mesmo esta pesquisa, não levar em conta a pesca para subsistência, mais praticada no Município de Igarassu.

Por ser artesanal, em pequena escala, e originalmente feita em rios e estuários pelas famílias, serve num primeiro momento para o sustento; porém os excedentes da pesca e da “cata” de crustáceos são comercializados na feira. Os manguezais, paisagens naturais destes rios e estuários, no município de Igarassu fazem parte da área estuarina de Pernambuco que ao todo ocupa uma extensão de 17.372ha, sendo bem caracterizado nas margens do rio são Domingos, que atravessa o Sítio Histórico do município e nas margens do canal de Santa Cruz que separa Igarassu da ilha de Itamaracá.

Imagem 01

ESTUÁRIO DO CANAL DE SANTA CRUZ, IGARASSU – PE.



Fonte: Google Earht.

² Fonte: CPHR: Diagnóstico Socioambiental do Litoral Norte, 2003.

Como podemos perceber na imagem 01, o centro urbano de Igarassu está intrinsecamente ligado aos manguezais, alguns bairros têm seu início literalmente dentro dos mesmos. Esta proximidade faz desses bairros áreas de comunidades de pescadores, que vão à busca do sustento nos mangues, criando uma cultura e dinâmica diferenciada da modernidade, da industrialização e comércio de produtos de alta tecnologia; tendo seu próprio ritmo de vida, agregando mais diversidade cultural ao município, diversidade essa refletida na feira.

Integrada a essa paisagem cultural, formada em sua maioria pela cultura da cana-de-açúcar, (mais adentrada ao continente) e pelos manguezais, (situados nos estuários), encontramos também o coco, com o esplendor de seus altos coqueiros, estes com relevância na formação do território do estado de Pernambuco, representado até em seu hino: “Salve as terras dos altos coqueiros”³. O coco também representa para Igarassu um marcante traço de sua paisagem cultural. Sendo o terceiro produto agrícola do município, atrás somente da cana-de-açúcar e mandioca, conforme observamos na tabela 01. Tendo importância econômica e nos costumes alimentares de sua população.

Tabela 01

PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL 2005

Culturas	Áreas colhidas (há)	Quantidade Produzida (t)	Rendimento médio. (Kg/ha)	Valor (R\$ 1.000)
Cana-de-açúcar	7.776	427.680	55.000	16.252
Mandioca	950	12.350	13.000	5.558
Coco-da-baía ¹	1.200	4.200	3.500	1.260
Limão	15	225	15.000	176
Banana	72	554	7.694	133
Abacate	18	360	20.000	108
Mamão	8	152	19.000	76
Abacaxi ¹	6	120	20.000	60
Batata-doce	15	60	4.000	54
Maracujá	3	45	15.000	36
Laranja	20	360	12.000	25
Castanha de caju	35	12	480	12

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal

³ Trecho do Hino de Pernambuco

(1) Quantidade produzida em mil frutos e rendimentos médio em frutos por hectare.

Entretanto, é na paisagem de Igarassu que está marcada sua representatividade. Como podemos observar na foto 02, os coqueirais; mesmo sendo exóticos à paisagem natural do município de Igarassu, tornaram-se parte integrante da paisagem cultural, sendo muitas vezes uma “cortina” que esconde a urbanização da cidade, dando a esta um ar bucólico.

Foto 01

VISTA DA CÂMARA MUNICIPAL, DOS BAIRROS; VILA DA CHESF E BEIRA-MAR 2

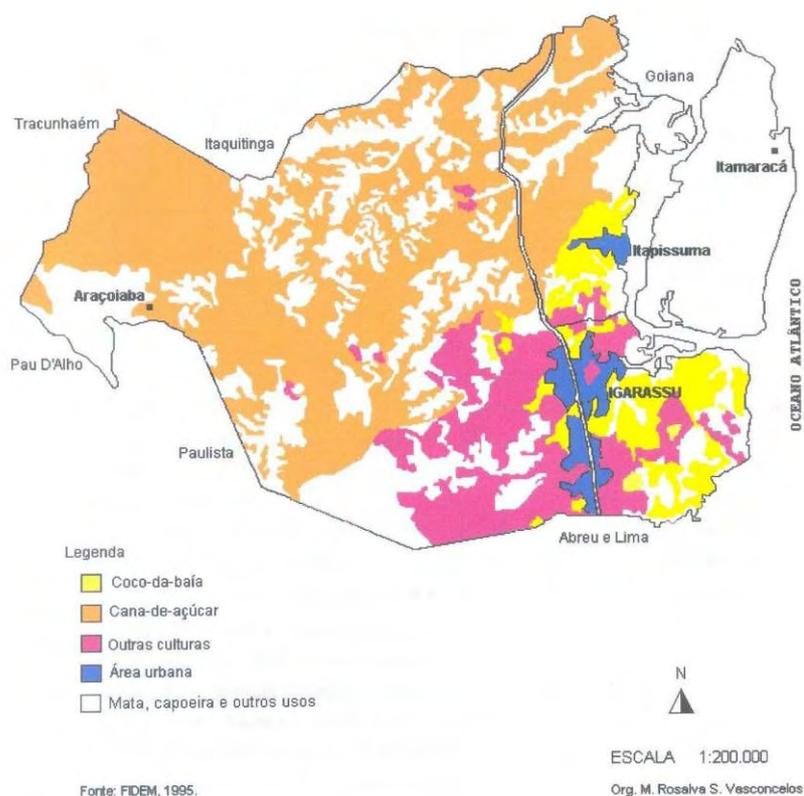


Foto: Emerson Trevisan, dezembro de 2007.

O coco representa para Igarassu um importante produto agrícola, já que a produção de coco-da-baía, segundo Vasconcelos (2000), do estado de Pernambuco, está concentrada na Mesorregião da Mata Pernambucana e Mesorregião Metropolitana do Recife, respectivamente em 1997, detinham 9,4% e 20,7% da área plantada no estado.

A produção do coco, ao contrário da cana-de-açúcar, é representada por pequenas propriedades e que utilizavam técnicas rudimentares de cultivo, sem uso de tecnologia e produção intensiva. Esta característica é um dos motivos que levaram ao enfraquecimento da cultura do coco-da-baía, no município. E a urbanização, que encontra resistência na cultura da cana, vai concorrer com áreas dos coqueirais em seu processo de expansão, pois a cultura do coco está mais próxima a urbanização e tem menor significado na economia local. Verificamos a distribuição das áreas das culturas e urbanização no ano 1995, na Fig. 01.

Figura 01
ESPACIALIZAÇÃO DO COQUEIRAL E DE OUTRAS CULTURAS NOS MUNICÍPIOS DE IGARASSU
E ITAPISSUMA – 1995



Como podemos observar há uma predominância da cultura de cana-de-açúcar no território do município de Igarassu, bem como da proximidade da cultura do coco do litoral e dos centros urbanos. Estas características de localização dão ao município a especificidade de estar na região metropolitana, mas ainda ter ares de cidade rural. Esta especificidade estará presente na feira, representante maior da união dos espaços urbano e rural.

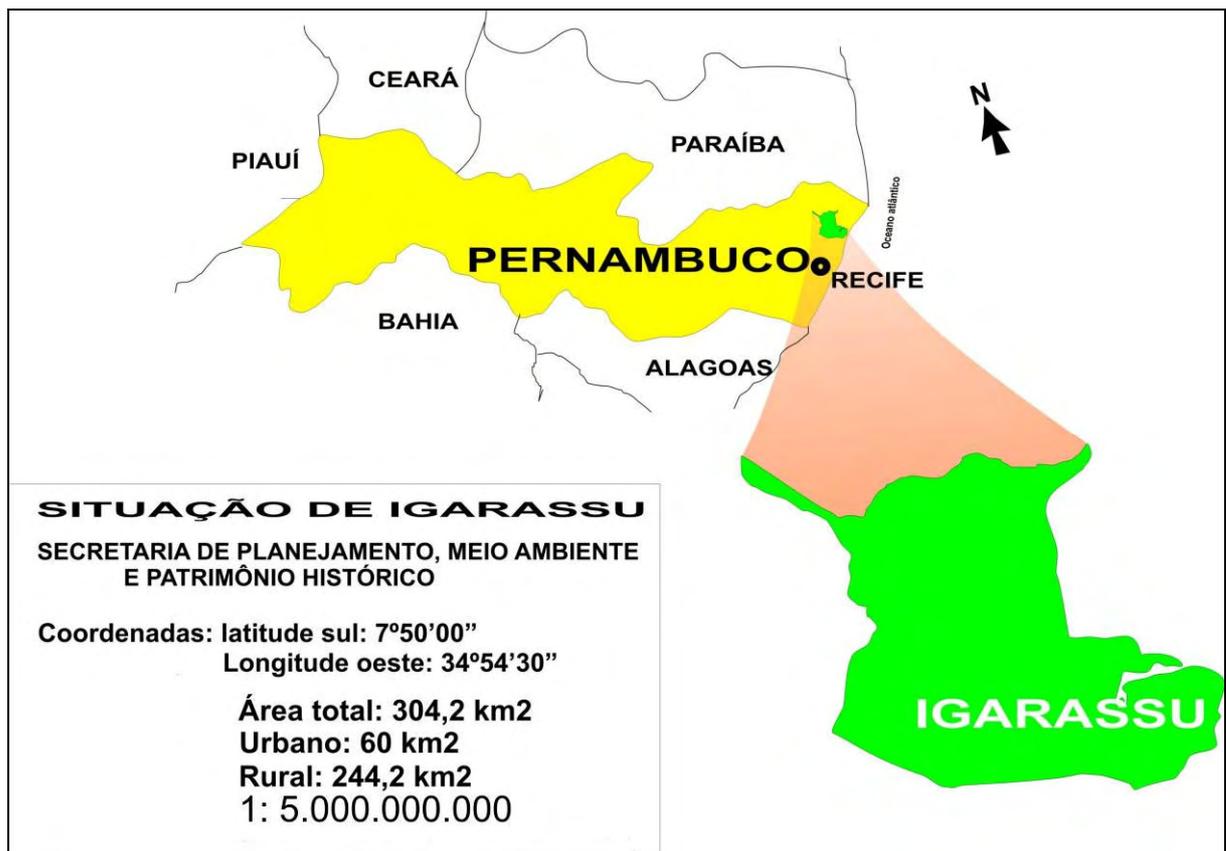
1.2 A expansão da mancha urbana: a Região Metropolitana e seus Eixos.

Estando marcada por suas especificidades, de cidade pequena como podemos perceber:

“Igarassu, com suas igrejas, seu convento, seu recolhimento de mulheres virtuosas, seu suntuoso edifício da Cadeia e da Câmara era [no século XVIII] um pequeno centro urbano, onde funcionavam dois curtumes. [...] Como outras cidades nordestinas desprovidas de indústrias e dependentes da área rural que as cerca, Igarassu possuía, em 1950, 2.116 habitantes. (ANDRADE, 1977, p. 24).

Mapa 01

FIGURA DO MUNICÍPIO DE IGARASSU



Fonte: Secretaria de Planejamento, Meio Ambiente e Patrimônio Histórico.

Igarassu⁴ apresentou até a década de 1970 uma estagnação em seu crescimento, em partes devido a sua localização em relação ao núcleo de radiação da expansão urbana da RMR⁵ mostrada na fig. 02, bem como na resistência da cana-de-açúcar em compartilhar seus espaços:

Houve várias tentativas de planejamento de uma estruturação da RMR⁶. Esses processos tinham como base a cidade do Recife, capital do estado, e a partir dali em eixos que seguiram para o norte, sul e oeste pelas antigas estradas de penetração no território, esses três eixos se desdobra em seis ramos de desenvolvimento urbano, dois para o norte, dois para o sul e dois para o oeste. Com a instituição da RMR, segundo o Plano MetrÓpole 2010⁷, iniciou-se uma fase de planejamento, apoiada em um modelo de organização espacial dominante na época, segundo o qual deveria se fundamentar na intensidade de uso do solo. Ocupação baseada na premissa da criação de nucleações de concentração a partir de atividades industriais. Esse processo entendia que os órgãos do estado teriam um rígido controle sobre a organização espacial, na tentativa de homogeneizar a RMR.

Esse planejamento da década de 1970, somente aumentou as diferenças entre os municípios da região metropolitana do estado de Pernambuco, pois o setor

⁴ O município de Igarassu encontra-se localizado na micro-região de Itamaracá, da meso-região do Recife e com acesso pelas rodovias BR – 101 Norte e PE-15; - 7° 83' 41" Latitude Sul - 34° 90' 63" Longitude Oeste; Distante do Recife 28 Km; Área de 306 Km² (IBGE – 2007); População de 93.748 (IBGE 2007). A palavra Igarassu é de origem tupi e significa: Igara = Canoa; Assu = Grande. A Cidade, segundo a tradição, foi fundada em 27 de setembro de 1535, após a vitória dos portugueses sobre os índios Caetés e por ordem do Capitão Afonso Gonçalves – que mandou erigir no local da vitória uma capela votiva consagrada aos Santos Cosme e Damião – hoje considerada a mais antiga do Brasil. Fonte: Instituto Histórico de Igarassu.

⁵ Região Metropolitana do Recife.

⁶ A partir da década de 1970 houve em Pernambuco um planejamento em escala metropolitana, de forma tentacular em ramos de direção: Igarassu estava num dos seis ramos, que a partir de Recife dirigiam-se dois para direção sul, dois para oeste e dois para o norte; dentre eles o 4º ramo (BR 101norte). Este ramo está consolidado em torno da BR 101 norte.

⁷ Fonte: Fidem; Plano Diretor da Região Metropolitana do Recife, 1998. Elabora com intenção de dinamizar as ações econômicas e diminuir as diferenças sociais da RMR.

que o baseou foi o industrial, este não teve no estado a importância de estruturação dos espaços e crescimento econômico e social, como em outros estados.

Baseando-se na expansão da mancha urbana a partir de eixos e SUS ramos de desenvolvimento; tendo como núcleo radiador a cidade do Recife, conforme podemos notar na Fig.02 nas direções sul, norte e oeste, estes planos de desenvolvimento⁸ para a RMR tiveram como diretrizes a ocupação urbana do território por meio das antigas estradas de penetração para o interior do Estado e para os litorais norte e sul. Dentre elas a BR 101 Norte e a PE 35⁹, tendo passagem pelo município de Igarassu. Também, constava das diretrizes o tratamento da descontinuidade e semicontinuidade dos núcleos secundários de povoação da RMR, prevendo-se ampliar a mancha urbana ao longo dos eixos garantindo a manutenção de interstícios rurais entre os mesmos.

⁸ Entre eles o Plano Metrópole 2010, elaborado pela Fidem, Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife.

⁹ Rodovia estadual que faz a ligação entre os Municípios de Igarassu, Itapissuma e Itamaracá.

Figura 02

EXPANSÃO DA MANCHA URBANA



Fonte: Condepe- Fidem: Plano Metrópole 2010

As duplicações; no final da década de 1980 e durante a década de 1990, da BR 101 Norte e PE 15¹⁰, melhorando consideravelmente o acesso à RMR Norte, vão colaborar para a expansão da mancha urbana nos municípios dessa parte da aglomeração. Outro fator que vem contribuir com essa expansão é, durante as décadas de 1970 e 1980, a construção de conjuntos habitacionais da COHAB; entre eles Caetés I, II e III em Abreu e Lima; Maranguape 0, I, II e Arthur Lundgren, em Paulista. Trazendo para estas áreas uma população que formaria a mão de obra para os distritos industriais também criados na mesma época, bem como para os setores do comércio e serviços de Recife.

¹⁰ Rodovia estadual que faz a ligação da Cidade do Recife com os municípios da RMR Norte.

Com estas destas mudanças, Igarassu apresentou um bom crescimento¹¹, no caso específico da sede municipal, da ordem de 6,0% ao ano, no período 1970-1980 e de 5,8% ao ano, no período 1980-1991. Funcionando como “zona de amortecimento” dos fluxos migratórios que se dirigem da Mata Setentrional para o Núcleo Metropolitano, a partir dessa época, a cidade de Igarassu vê crescer, a cada ano, a mancha urbana. Dentre os fatores que contribuem para as elevadas taxas de crescimento do núcleo urbano de Igarassu¹², figuram: a) sua proximidade do mercado de trabalho metropolitano; b) o valor relativamente baixo do solo na periferia desse núcleo urbano (sobretudo se comparado àquele das áreas correlatas de Recife, Olinda e Paulista); c) a presença de granjas e sítios em torno da cidade, gerando oportunidade de emprego para uma parcela da força de trabalho não qualificada; d) a proximidade do estuário, de onde a população de baixa renda, mormente a desempregada, retira parte de seu sustento.

De núcleo de povoação histórica; com poucas áreas de povoamento baseadas na estrutura dos engenhos de cana-de-açúcar, o município vai ganhar um grande número de loteamentos implantados em seu perímetro urbano, nas décadas de oitenta e noventa (Loteamentos Encanto Igarassu - 1985; Projeto Verde Teto e Centro Igarassu, em 1987; Condomínio Santa Cruz - 1993; Padre Cícero, Frei Damião, Santa Bárbara, Rumo Leste e Privê Vila Harmonia, em 1994; Cortegada – 1996; Parque Igarassu e Nova Holanda, em 1997; Bairro Novo de Monjope – 1998, entre outros).

Como podemos comprovar na imagem 02; os núcleos de povoamento de Igarassu são localizados às margens da BR 101 Norte, e observamos também que no começo da década de 1970, época da ortofotocartas, grande parte dos espaços

¹¹ Fonte: IBGE

¹² Fonte: Diagnóstico Socioambiental do Litoral Norte, CPRH, 2003.

eram usados para a plantação de cana-de-açúcar. Estes situados à esquerda da imagem e os espaçamentos entre os núcleos de povoação à direita.

Imagem 02

ORTOFOTOCARTA DE 1974, DA CIDADE DE IGARASSU ÀS MARGENS DA BR 101 NORTE



Fonte: Condepe- Fidem; escala: 1:10.000

Se compararmos as imagens 02 e 03 tendo como base norteadora as margens da BR 101 Norte, notaremos o crescimento acentuado da mancha urbana e a resistência das plantações de cana-de-açúcar. Mesmo com a tentativa de criação de um distrito industrial, aproveitando as facilidades do escoamento pela BR 101 norte.

Imagem 03

ÀS ORTOFOTOCARTA DE 1989, DA CIDADE DE IGARASSU MARGENS DA BR 101 NORTE



Fonte: Condepe- Fidem; escala : 1:10.000

Concomitante à ocupação planejada do solo urbano; proliferaram, em Igarassu, as ocupações irregulares efetuadas tanto por meio de invasões em áreas de antigos e novos loteamentos (Recanto Igarassu, Cortegada, São Vicente e outros) como em áreas alagadas, margens de rios e estuários.

Estes loteamentos são em sua maioria localizados ou às margens da BR 101 Norte ou da PE 35, reforçando a forma de expansão da mancha urbana através dos eixos viários. Preenchendo os espaços desde Recife, passando por Paulista, Abreu e Lima, Igarassu, Itapissuma e Itamaracá.

Outra característica ficou evidenciada no município de Igarassu e vizinhos: devido à forma de expansão da mancha urbana, bem como sua localização na fronteira entre o periurbano e rural, foi o surgimento do fenômeno da segunda

residência¹³ não só em Igarassu devido aos vários trabalhadores que se deslocam em direção ao núcleo irradiador da RMR do Recife, mas também a veranistas que vão passar férias na cidade de Itamaracá, caracterizada por muitas casas de veraneio. Como podemos observar na tabela 02, o número das casas particulares com uso ocasional no município de Itamaracá e consideravelmente superior aos demais municípios da RMR norte, comprovando a importância desse tipo de habitat como as residências de veraneio, bem como as residências não ocupadas em Igarassu que representam 16% das residências localizadas na área urbana do município, caracterizando a segunda moradia presente na cidade.

Tabela 02

SINOPSE PRELIMINAR DO CENSO DEMOGRÁFICO 2000 – PERNAMBUCO								
Domicílios recenseados, por espécie, segundo as Regiões Metropolitanas, os Municípios, os Distritos que as compõem e a situação do domicílio								
Regiões Metropolitanas, Municípios, Distritos que as compõem e situação do domicílio	Domicílios recenseados							Coletivos
	Total	Particulares					Coletivos	
		Total	Ocupados	Não ocupados				
Total	Fechados			Uso Ocasional	Vagos			
Araçoiaba	3 843	3 843	3 405	438	19	51	368	-
Urbana	3 215	3 215	2 859	356	11	36	309	-
Rural	628	628	546	82	8	15	59	-
Igarassu	23 660	23 639	20 226	3 413	69	669	2 675	21
Urbana	21 606	21 595	18 669	2 926	57	463	2 406	11
Rural	2 054	2 044	1 557	487	12	206	269	10
Nova Cruz*	973	971	759	212	2	107	103	2
Urbana	229	229	174	55	1	41	13	-
Rural	744	742	585	157	1	66	90	2

¹³ “no Brasil, o aparecimento do fenômeno da segunda residência dá-se na década de 1950 sob a égide do ‘nacional-desenvolvimentismo’ que foi responsável pela implantação da indústria automobilística, pela ascensão do rodoviarismo como matriz principal dos transportes e pela emergência de novos estratos sociais médios e urbanos que, aos poucos, começariam a incorporar entre os seus valores sócio-culturais a ideologia do turismo e do lazer....O veraneio ou o descanso dos fins de semana se transformaram em valor social cuja satisfação levaria o turismo, de um modo muitas vezes predatório e desordenado, a regiões acessíveis a grandes centros urbanos do Centro-Sul, e com atributos ambientais valorizados (zonas costeiras e/ou serranas), (BECKER 1995p. 10).

Três Ladeiras*	439	439	371	68	1	26	41	-
Urbana	245	245	228	17	-	4	13	-
Rural	194	194	143	51	1	22	28	-
Ilha de Itamaracá	12 366	12 353	3 710	8 643	13	7 385	1 245	13
Urbana	11 929	11 919	3 357	8 562	13	7 348	1 201	10
Rural	437	434	353	81	-	37	44	3
Itapissuma	5 524	5 523	4 783	740	3	119	618	1
Urbana	4 514	4 514	3 956	558	3	94	461	-
Rural	1 010	1 009	827	182	-	25	157	1

Fonte: IBGE. Destaque do autor. * Distritos de Igarassu.

Essas características fazem de Igarassu uma cidade de passagem ora para os trabalhadores que vão do norte da RMR para seus trabalhos em outras regiões da mesma RMR, ora para veranistas em momentos de lazer. Já que a localização de Igarassu possibilitou a formação de um entroncamento do transporte metropolitano, por meio de um terminal do sistema integrado de transporte, obrigando a todos que usam esse sistema à passagem por Igarassu, aumentando o fluxo de pessoas pela cidade.

Figura 03
SISTEMA INTEGRADO DE TRANSPORTE URBANO DA RMR.



Fonte: EMTU-PE

Podemos observar na figura 03 como os eixos de expansão da RMR se apóiam num sistema de transporte coletivo metropolitano. A partir do Recife, em direção aos extremos Sul, Oeste e Norte da RMR, esse sistema dá vazão ao fluxo de pessoas indo para o trabalho, e voltando para casa. No corredor Norte, notamos a rede de transporte urbano da RMR, onde o terminal integrado de Igarassu é o último ao norte, em relação à cidade do Recife, dando acesso a três municípios que eram seus distritos e foram emancipados: Itamaracá (1955) Itapissuma (1982), Araçoiaba (1995).

Corroborando com a particularidade de uma cidade de passagem, e por ser considerada cidade turística e seu Sítio Histórico ser patrimônio histórico e cultural¹⁴, Igarassu recebe um considerável fluxo de turistas que faz o caminho inverso ao dos trabalhadores. Eles vêm de Recife em direção à Ilha de Itamaracá, um destino turístico do litoral norte de Pernambuco. Como o acesso à ilha só pode ser feito ou pela PE 35, que passa obrigatoriamente por Igarassu ou por via marítima e que a cidade tem riquezas históricas e arquitetônicas como a Igreja de Santos Cosme e Damião¹⁵, a Pinacoteca do Convento de Santo Antonio¹⁶ entre outros, Igarassu vem a ser lugar de passagem e parada momentânea dos turistas que vão à Itamaracá.

¹⁴ Em 26 de setembro de 1935, graças ao Projeto de Lei do então Deputado Mário Melo, a cidade de Igarassu é considerada Monumento Público Estadual. No dia 10 de outubro de 1972, visando proteger e resguardar o rico acervo existente na cidade, o Governo Federal, através do IPHAN, tombou o conjunto arquitetônico da nucleação histórica, com uma área de 0,4 Km² (396.202 m²).

¹⁵ A mais antiga do Brasil: Reza a tradição que os portugueses, após derrotarem os índios Caetés em sangrenta batalha, ocorrida em 27 de setembro de 1535, graças à intercessão dos santos, começaram a erguer um templo votivo consagrado aos irmãos gêmeos.

¹⁶ Instalado no antigo dormitório dos noviços do convento franciscano de Igarassu, construído em 1705, o Museu Pinacoteca foi criado por iniciativa do Dr. Airton Carvalho, sendo aberto ao público em agosto de 1957. Reúne 24 quadros/painéis dos séculos XVII e XVIII, oriundos da Sé de Olinda, Igreja dos Santos Cosme e Damião e do próprio Convento. São destaques os quatro painéis votivos que pertencem à matriz de Igarassu. É considerado como um dos mais importantes da América Latina.

Foto 02
VEICULOS DE TRANSPORTES DE TURISTAS NO SITIO HISTÓRICO DE IGARASSU



Foto: O autor.

Podemos observar veículos de transportes para turistas, que aguardam os visitantes, na visitação aos pontos turísticos de Igarassu. Ao termino dessa visita os mesmos serão levados para a Ilha de Itamaracá, principal destino turístico do Litoral Norte de Pernambuco.

1.3 Igarassu na expansão da mancha urbana da RMR: transformações e adaptações.

Com o crescimento da RMR, conseqüentemente o município de Igarassu, mesmo desordenadamente, acompanhou a evolução e chegada da mancha urbana em seu território. Como já foi dito, até a década de 1970 o município tinha vivido um tímido crescimento em relação a outros municípios da RMR. Com os planos de expansão, que passaram a ter mais efetividade por parte dos órgãos governamentais, Igarassu sofre um incremento em seu crescimento, conforme podemos notar na tabela 03.

Tabela 03
EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE IGARASSU – 1970-2007

Ano	População
1970	37.584
1980	52.468
1991	68.507
1996 (contagem)	72.930
2000	82.277
2007	93.748

Fonte: IBGE

Percebemos dois fatos importantes, em primeiro; que o crescimento populacional foi de mais de 140% em aproximadamente duas décadas e meia. Segundo; que esse crescimento coincide com o período da expansão da RMR, motivado pelos planos de expansão. Corroborando com esses fatores notaremos que dois municípios da RMR Norte tiveram crescimento populacional maior que Igarassu, foram eles: Paulista, com aproximadamente 580% e Abreu e Lima, com aproximadamente 275%, para o mesmo período. Atentemos que quanto mais próximo do núcleo de radiação da RMR do Recife, maior a taxa de crescimento.

Então para dar conta deste crescimento, o município de Igarassu teve que adotar medidas para poder absorver essa população, bem como prover a cidade de equipamentos que suprissem a expansão urbana, dando condições para sua população sobreviver nessa nova época, correspondendo à transformação da Igarassu rural em urbana.

Entre as ações tomadas pelas autoridades estaduais e municipais¹⁷ vamos citar aqui as mais relevantes e que vão culminar com a construção do centro comercial onde se localiza a feira livre de Igarassu.

Dentre essas obras de estruturação podemos citar a duplicação da BR101 Norte entre Abreu e Lima e Igarassu, colaborando para a melhora do fluxo do transporte de passageiros e cargas, diminuindo o tempo de viagem entre Recife e Igarassu. Outra obra viária fundamental para a melhoria dos transportes foi a duplicação da PE15; que liga as cidades de Olinda, Paulista e vai até a BR101 norte na altura da cidade de Abreu e Lima, interligando de forma mais intensiva a RMR norte, pois com a duplicação da PE15 construiu-se também uma via exclusiva para o transporte urbano, diminuindo sensivelmente o tempo da viagem entre a RMR norte e a cidade do Recife.

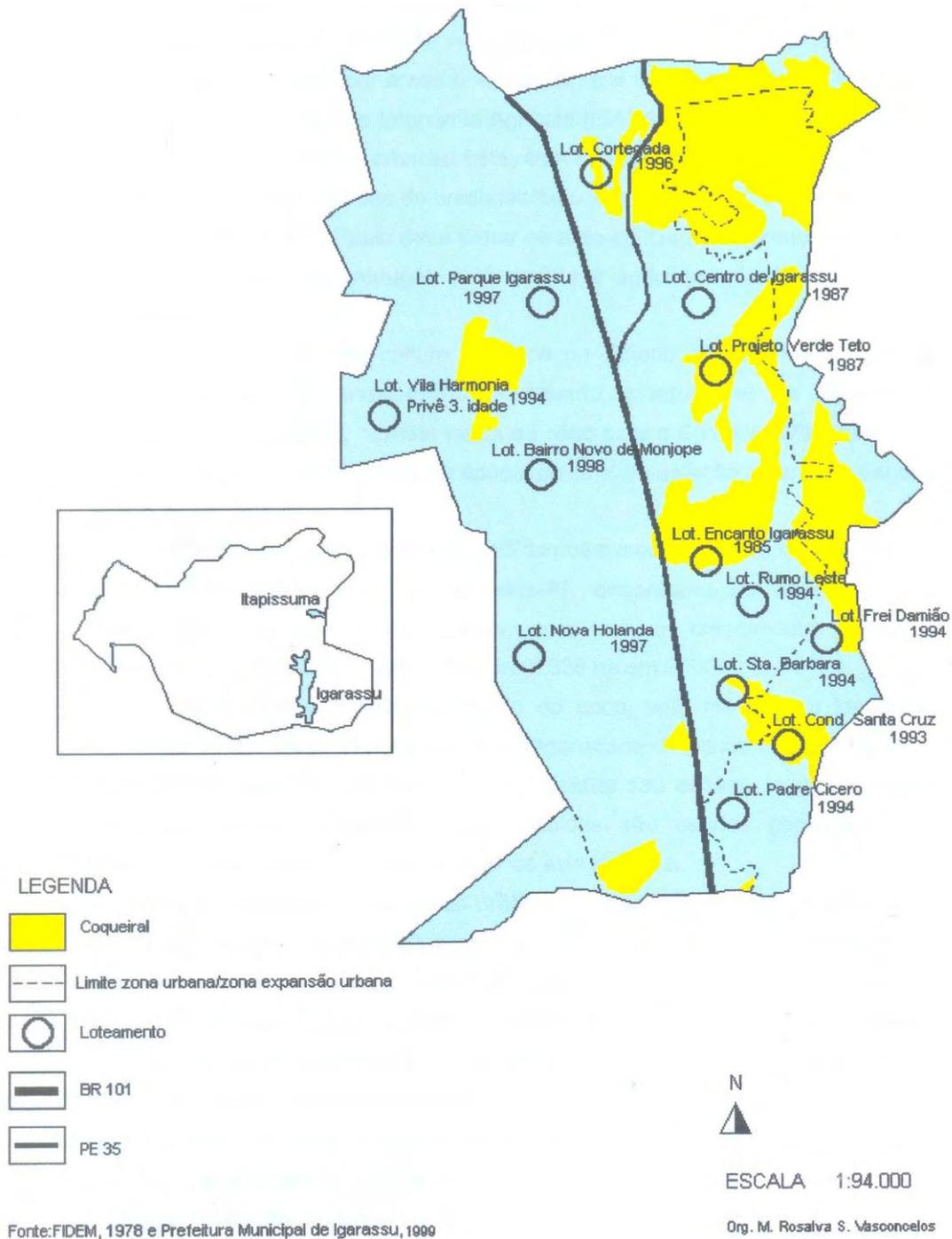
Outras medidas foram as construções de loteamentos e pequenos conjuntos habitacionais que servem de moradia para as populações mais carentes, esses conjuntos em sua maioria foram construídos nas periferias da cidade. Estes lugares, antes de uso agrícola ou de ambiente natural, tornaram-se locais para a instalação de moradias, pois os terrenos tinham custo baixo. Podemos notar na Fig. 04 que

¹⁷ Devemos destacar que as informações acima são baseadas em documentos encontrados do Museu Histórico de Igarassu e foi sobre as duas gestões do Prefeito Clovis Lacerda nos períodos de 1969 a 1973 e 1977 a 1983, essas duas gestões foram registradas em dois documentos de prestação de contas pelo então prefeito que foi base de nossa pesquisa, infelizmente os subseqüentes assim não o fizeram.

esses conjuntos ainda seguem às margens da BR 101e PE 35, indo competir por espaços com as plantações de coqueiros.

Figura 04

LOTEAMENTOS EXISTENTES EM IGARASSU PERÍMETRO URBANO LEGAL - 2000



No âmbito municipal entre 1969 a 1983 e 1977 a 1983, Igarassu sofreu uma grande transformação no que se diz respeito a bases para uma estrutura urbana, por meio do Projeto CURA¹⁸. Entre suas ações constam: A pavimentação de ruas; a ampliação da iluminação pública; a construção de escolas na zona urbana e rural; a implantação de postos de saúde e a construção e ampliação de dois centros comerciais, um no distrito de Cruz do Rebouças com 403,60 m² e o centro comercial da sede do município, com uma área total de 15.150,00 m² e 1.781,50 m², com espaço para a feira livre de frutas e verduras, para feira de cerâmica e artesanato em geral, 20 boxes para lojas.

Em entrevista com o Sr Clovis Lacerda Leite (prefeito que implantou o projeto CURA em Igarassu), em 12/11/2007, este relata que as obras feitas em suas gestões tinham: *“A intenção de tirar Igarassu do marasmo e fazer as bases para o desenvolvimento da Cidade”*, condicionado o futuro do município a obras que dessem uma estruturação para a industrialização tardia no município e que dinamizassem o comércio.

Entre essas obras, o entrevistado destaca uma que *“foi uma visão futurista e desenvolvimentista, que aumentaria o dinamismo econômico da cidade, foi a transferência da feira livre e construção de um novo espaço para esse comércio”*.

¹⁸ Projeto do extinto BNH (Banco Nacional de Habitação), que visava estimular a urbanização de espaços vazios. Em 30 de março de 1973, o Conselho de Administração do BNH pôs em vigor a Resolução do Conselho de Administração – RC nº 7/73, que dispunha sobre “ programa de Complementação Urbana, a ser executado através de Projetos CURA – Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada”. Em 6 de junho de 1973 a Diretoria do BNH pôs em vigor a Resolução da Diretoria - RD nº 38/73, que “ aprova normas para financiamento, elaboração e execução de Planos Plurianuais e Projetos de COMUNIDADE URBANA PARA RECUPERAÇÃO ACELERADA (CURA) e dá outras providências”. Eram objetivos básicos do CURA, entre outros, colocar à disposição das administrações locais recursos financeiros para ações voltadas à urbanização, contribuir para a ordenação racional do uso do solo e para a coordenação e integração dos investimentos urbanos. Também se objetivava promover uma adequada oferta de equipamentos e serviços e aumentar a oferta de terrenos urbanizados Essa ação se complementava com instrumentos legais de combate à retenção especulativa de terras urbanas (“vazios urbanos”). (FEST, 2005, PAG. 47,48).

Sendo ainda, segundo o próprio Sr. Clovis Lacerda Leite, *“uma das obras mais importantes de suas administrações”*.

Essas obras deram sustentação para o dito “desenvolvimento” econômico e social do município, sendo a construção da nova feira livre de vital importância não só por ser um espaço que fornece o alimento de sua população, bem como dinamiza e mantém economicamente a faixa mais carente dessa população, como pretendemos mostrar no decorrer dessa pesquisa.

2. A feira livre de Igarassu, características, influências e importância regional.

Neste capítulo, procuraremos mostrar uma pequena evolução histórica das feiras no Brasil, e principalmente no Nordeste. Situaremos nesse contexto a feira livre de Igarassu com suas especificidades, características e importância para a economia e cultural local e regional.

2.1 Feira no Brasil e no Nordeste.

As feiras chegam ao Brasil com os Portugueses, baseadas nas feiras européias. Constituindo uma inovação em nossas terras, já que para o nativo esta forma de comércio é totalmente estranha, pois estava acostumado à troca¹. As primeiras feiras no Brasil são originadas das necessidades da população colonizadora que aqui chegou para apropriar-se e ocupar imensos espaços decorrentes da conquista portuguesa; como nossa colonização foi baseada na exploração, e que uma das primeiras formas de colonização que fez uso do solo foi a plantação de cana-de-açúcar, já citada por seu exclusivismo, os colonizadores vão buscar formas de trazer os alimentos e utensílios para esta população.

A primeira referência das feiras no Brasil data de 1548, quando o Rei D. João III na tentativa de evitar que os colonos se dirigissem às aldeias, ordenou que se fizesse um dia de feira para que os gentios viessem à cidade comerciar seus

¹ De acordo com o viajante quinhentista Jean de Léry, os tupinambá ao comerciarem com os goitacá procuravam manter uma distância relativa em torno de 100m uns dos outros, deixando os produtos a serem trocados na metade desta distância. Findo o escambo, também se rompia a trégua e transposto o limite do local destinado ao encontro, punham-se ao enalço dos inimigos na tentativa de reaverem as suas mercadorias (LÉRY, 1951, p. 72).

produtos e comprar o que necessitassem (MOTT, 1976, p. 83). Partindo do princípio que os mesmos já estavam acostumados a reunir seus artigos de troca na praia para a posterior negociação, estas feiras acabaram por não se realizar. Por este motivo não se realizaram feiras na colônia durante os séculos XVI e XVII, não sendo registrados qualquer ocorrência das mesmas nos documentos oficiais ou relatos de viajantes (MOTT, 1975, p. 307).

As partir do século XVII, surgem com mais intensidade as feiras de gado, que abasteciam as cidades com seus produtos. O gado era trazido da zona rural onde era engordado e para o futura comercialização nas cidades, destacando-se que:

No Brasil havia, por esta época, dois tipos de feiras. A **Feira de Mercado**, realizada aos sábados para o abastecimento alimentar da população da cidade e das redondezas e a **Feira Franca**, realizada anual ou bi-anualmente destinada à comercialização de bens regionais como o gado e por isto atraíam grande número de compradores e vendedores das mais distantes regiões. (negrito do autor) (PAZERA, 2003. Pag. 26).

Exemplos dessas feiras são: a feira de burros de Sorocaba (SP), a feira de Santana (BA), Laranjeiras (SE) e Goiana (PE), feira essa que teve origem em Igarassu, como citamos anteriormente e por coincidência se localizava no mesmo espaço onde atualmente a feira livre de Igarassu.

No decorrer da história e principalmente durante o processo de industrialização brasileiro, que ocorreu no território de forma diversa e desigual, as feiras vão ter diferentes significados conforme sua localização. Podemos verificar a existência das feiras livres nas grandes cidades, onde:

“A feira Livre consiste em modalidade periódica de comercio varejista amplamente dispersa pela cidade do Rio de Janeiro, desempenhando importante papel no abastecimento urbano, sobretudo no setor alimentar.” (JESSUS 1992)

Então as feiras terão conforme sua localização um formato diferenciado, que pode variar, em sua periodicidade; nas grandes cidades as feiras são diárias, porém em locais diferentes, em contrapartida as feiras locais das pequenas cidades têm um mesmo local, com periodicidade de uma vez por semana. Outra distinção que podemos observar são as feiras regionais, que têm uma abrangência e importância para certas regiões como, por exemplo, a feira de Campina Grande na Paraíba, feira de Caruaru em Pernambuco, que traduzem certa centralidade a partir da área de influência dessas cidades.

No Nordeste encontram-se basicamente dois tipos de feiras: as dos grandes centros urbanos, como o exemplo da Cidade do Recife², com toda uma estrutura de comércio regular e as pequenas feiras espalhadas por todo o interior. Estas podem ser consideradas como remanescentes das feiras tradicionais, onde o agricultor, artesão e criador se transformam em comerciantes. Neste tipo de feira o comerciante esporádico vende o que possui em excesso para adquirir os gêneros de sua necessidade. Este tipo de feira ocorre com mais intensidade nos menores e mais rústicos povoados, quer do Litoral quer do Sertão. Com base no tipo de região em que ocorrem é possível se fazer a distinção de dois grupos, conforme a classificação muito bem estabelecida por Bernardo Issler (ISSLER, 1965, p. 37):

- Feiras de Zona de Transição.
- Feiras de Zonas Típicas.

As feiras de zona de transição ocorrem nas faixas de transição entre duas zonas geograficamente diferentes: Zona da Mata-Sertão; Brejo-Agreste. Esta localização vai possibilitar que produtos característicos de cada área sejam trocados. Desta forma estas feiras apresentam uma variedade de produtos

² Feiras Livres do Recife: As feiras livres são administradas pela Companhia de Serviços Urbanos do Recife (CSURB). São 27 feiras livres, num total de 3.600 bancas em toda a cidade.

significativa, que vão desde frutas e legumes até produtos industrializados. Outro ponto a ser considerado é que, em geral, nestas zonas de transição há o domínio da pequena e média propriedade, o que propicia condições para que um número maior de agricultores participe da feira.

As feiras de zonas típicas são as existentes no interior de zonas geográficas bem definidas. Quando comparadas às das zonas de transição são menores e mais pobres, resumindo-se a umas poucas barracas com produtos de consumo indispensável e algumas de artesanato e confecção. Por ser uma zona onde a pobreza é generalizada, principalmente no Sertão, a presença do produtor como comerciante quase não se faz notar. Quase todo mundo possui uma roça, mesmo que bem pequena, ou não possui condição de comprar o que é oferecido na feira. Catolé do Rocha, no Sertão paraibano, Mamanguape, na Zona da Mata paraibana e Angicos no Sertão do Rio Grande do Norte, são alguns exemplos deste tipo de feira (ISSLER, 1965, p.36).

Como poderemos observar a feira de Igarassu, guardada as devidas proporções e pela sua localização, tem características de diversos formatos de feiras livres aqui apresentados, mostrando uma especificidade que a torna um misto de feira livre das grandes cidades e feira regional com sua centralidade.

Porém as feiras são mais que um espaço para a realização de comércio; caracterizam a formação de um espaço público favorecendo iniciativas individuais, onde pessoas podem vender e comprar, diversos tipos de produtos, buscarem por serviços, bem como usá-las como um ponto de encontro, de discussões e diálogos, um espaço que pode adquirir diversas formas e objetivos, essas características ficam acentuadas no Nordeste, onde:

“A feira nordestina não é um simples local de compra e venda de mercadorias; mais do que isto é o local privilegiado onde se desenvolvem uma série de relações sociais.. É um fenômeno muito importante na vida econômica e social do Nordeste brasileiro...”. (PAZERRA, 1987; pag. 654).

Portanto a feira tem um grande significado na vida do nordestino, pois, conforme perguntado a um morador de Igarassu, que frequenta um hipermercado, espaço criado na modernidade para comercializar todos os tipos de mercadorias, das frutas e verduras, a moveis e peças para automóveis, o que ele vai lá fazer, responde: *“Vou fazer feira.”* Pois as compras sempre foram feitas na feira.

Foto 03
REPRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO DA FEIRA



Foto: Emerson Trevisan, Janeiro de 2008

A figura 05 mostra bem como os espaços da feira permitem iniciativas individuais, pois nela podemos observar como a compra de produtos pode ser feita

informalmente sem a interferência de nenhum ator do estado para “organizar” ou “padronizar” a forma de comércio, fortalecendo culturalmente a ação de comprar ao “fazer a feira”. Essa característica da forma de organização do espaço, com ações não planejadas e moldadas para as diversas situações, faz das feiras espaços férteis para a flexibilização tanto do espaço como das ações.

2.2 Feira de Igarassu no crescimento da mancha urbana e suas transformações.

Como já foi observada anteriormente, a feira de Igarassu foi uma das primeiras feiras de gado do território brasileiro, por coincidência, na atual Feira ocupa o mesmo espaço onde hoje ocorre a feira. Mas, esta feira foi transferida, por volta de 1785, para a cidade de Goiana-PE, onde se tornou tradicional, porém em Igarassu ficou a feira de produtos básicos.

Dada a importância de destacar a história Feira consideramos relevante apresentá-la, conforme acontecia em 1940, quando ela tem como espaço de suas atividades o local próximo ao antigo mercado municipal, onde hoje é a Casa da Cultura. Naquele formato, a feira era semanal sempre aos domingos, próximo da Praça da Igreja de São Sebastião, como podemos observar na foto 03.

Foto 04
MERCADO MUNICIPAL E FEIRA LIVRE DE IGARASSU 1955



Foto: Museu Histórico de Igarassu

Como podemos observar na foto datada do ano de 1955, a feira está localizada ao lado do antigo mercado público municipal, no largo da Igreja de São Sebastião, próximo ao rio São domingos que podemos ver na foto 04, notamos também ao fundo a torre do sino da Igreja de Santos Cosme e Damião, o casario histórico, o mangue do rio São Domingos próximo do antigo mercado público. Esta posição do mercado, e conseqüentemente da feira livre, vai acarretar, no final da década de 1970 e início da década de 1980, um problema que averiguamos ter sido objeto de dois diagnósticos.

Primeiro, com o tombamento do sitio histórico de Igarassu a partir de 1972, enquanto patrimônio histórico e arquitetônico nacional, o local da antiga feira e mercado público encontra-se dentro da área de tombamento, impedindo então qualquer modificação e limitando uma possível expansão das atividades comerciais

Foto 05
LARGO DA FEIRA

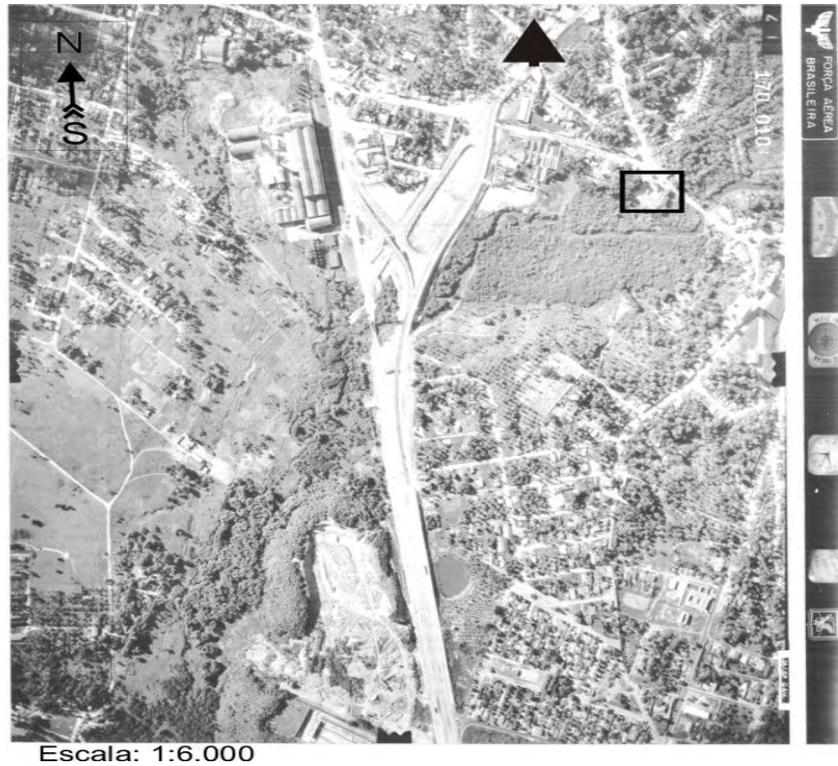


Foto: Museu Histórico de Igarassu

Segundo, com a implantação em 1973 da Região Metropolitana do Recife - RMR, planeja-se e efetivamente ocorre um crescimento considerável da população do município, tornando a área da feira insuficiente para as atividades comerciais, em tempo que os cuidados com os prédios tombados no entorno foram se intensificando. Durante a década de oitenta, as preocupações com o meio-ambiente, ganham força e a proximidade do mangue passa a ser outro fator limitante do crescimento da feira, já justificando também a transferência da mesma para um espaço maior.

Outro fato relevante para a mudança da feira pode ser percebido na fala do então prefeito Clovis Lacerda Leite: *“A intenção era melhorar as condições da feira e expandir a cidade para os lados do sítio Taépe, que na época era uma simples passagem de terra”*. Revelando que o objetivo era a criação e expansão de um centro comercial.

Foto 06
FOTO AEREA DO SÍTIO HISTÓRICO DE IGARASSU 1981



Fonte: CONDEPE- FIDEM

Como podemos observar na foto 05, o círculo indicando o antigo local da feira, nas proximidades do mangue do rio São Domingos, a urbanização mesmo no centro da cidade ainda não está consolidada. A seta indica o local para onde foi transferida a mesma, percebemos que a distância de deslocamento não foi tão significativa..

Foto 07

FOTO AEREA DO SÍTIO HISTÓRICO DE IGARASSU 1998

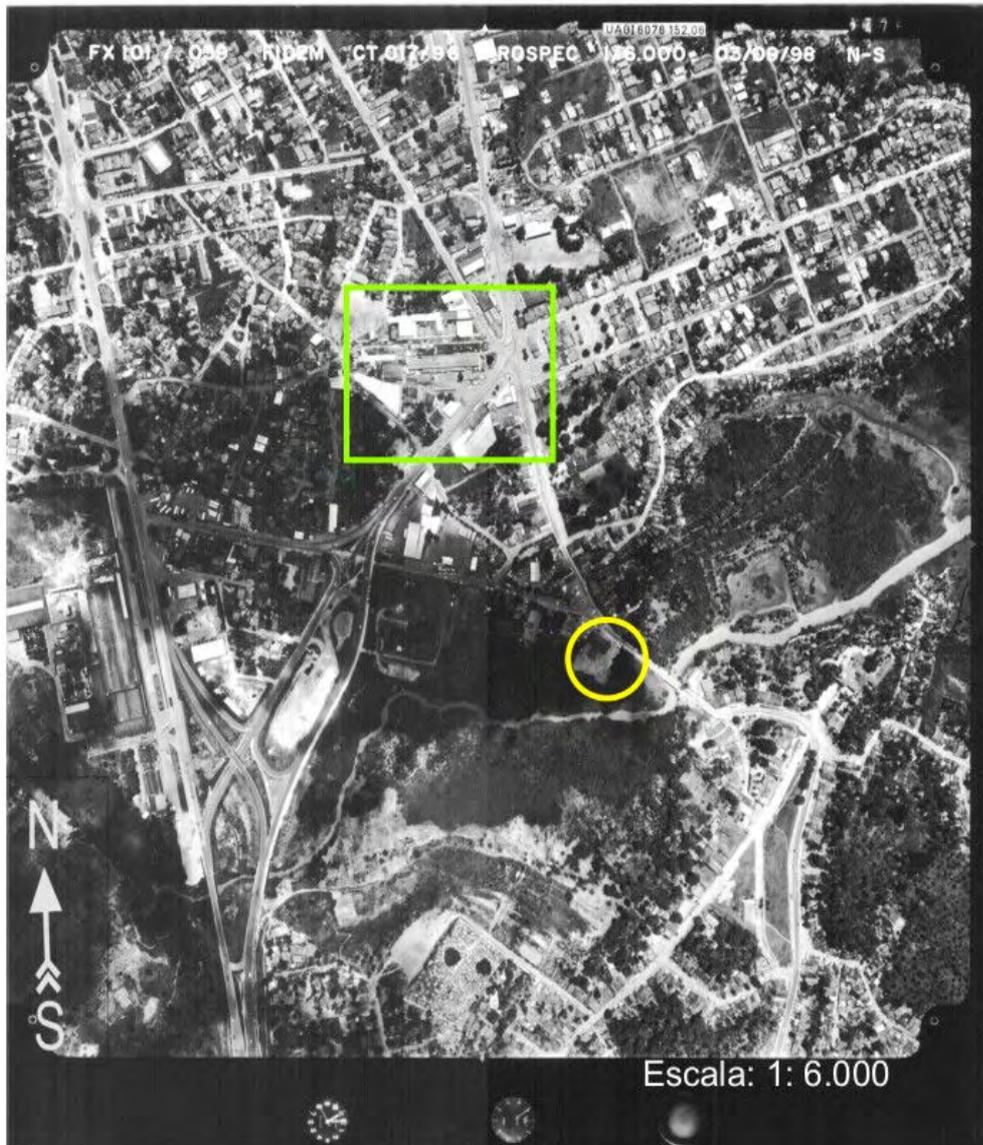


Foto: CONDEPE- FIDEM

Na foto 06, o círculo amarelo representando o antigo local de feira e o quadrado azul o local atual, podemos notar o nítido crescimento fora do sítio histórico da área urbana de Igarassu, evidenciando um crescimento populacional, principalmente em torno do espaço da feira, sinalizando uma possível contribuição dessa transferência para esse crescimento.

A construção do atual espaço da feira foi concluída e inaugurada no final de 1982, porém não se deu a transferência efetiva das atividades, por motivos de troca de mandato, entre os prefeitos Clovis Lacerda Leite e Jurandir Bezerra Lins, e só se completou no ano seguinte, em 1983. Devido à passagem de mandato, ocorreu também uma mudança do nome atribuído ao local, substituindo-se o nome de “Clovis Lacerda Leite” pelo de “ Dalila de Vera Cruz”, em homenagem a primeira e única mulher vereadora da cidade.

Essa transferência não se deu de modo pacífico em relação aos feirantes da época como relata o Sr Antonio Miguel Fernandez, em entrevista no dia 15/12/2007, um dos poucos remanescentes da antiga feira de Igarassu. Explica que: *“As pessoas mais antigas não queriam vir para cá, tinham medo do novo”*. Mostrando que o processo de transferência não foi aceito de imediato, mas, segundo o próprio: *“Aqui melhorou muito para nós”*.

A transferência do local da feira livre e mercado público municipal, para um espaço maior e organizado, vai trazer uma nova dinâmica para as atividades comerciais em Igarassu. Pois além de uma nova estrutura, houve a integração de uma agência da Caixa Econômica Federal, que também foi inaugurada junto com o prédio do centro comercial e uma agência do Banco do Brasil em suas imediações, como podemos notar da foto 07

Foto 08
FOTO DO CENTRO COMERCIAL DALILA VERA CRUZ 1984



Foto: Jornal de Igarassu ANO I nº4 Abril/1984. Fonte: Museu Histórico de Igarassu.

Como podemos observar a estrutura do novo centro comercial, difere não só pela localização, mas também em tamanho do antigo, alterando a dinâmica social e comercial em Igarassu e estabelecendo novos costumes em feirantes e consumidores da cidade.

Sua estrutura passou por várias transformações, logo em 1983 foi agregado o mercado de carnes, local específico para o comércio de carnes (gado, porco e frango), peixes e outros produtos de origem animal, ampliando a oferta dos mesmos. Outra importante mudança foi referente ao dia da feira, que passou de domingo para sábado a partir de junho de 1986³, o que vinha, segundo matéria do jornal, atender duas reivindicações dos feirantes: A primeira de cunho religioso, para que os mesmos pudessem participar da missa dominical, tradicional na Igreja de Santos Cosme e Damião; a segunda, de cunho financeiro para evitar a concorrência de outras feiras da região.

Com essa mudança de data, estabeleceu-se uma das especificidades da feira livre de Igarassu: sua temporalidade. Com a passagem do dia oficial da feira de

³ Fonte: Jornal de Igarassu ano III - nº 6 – Junho/86.

domingo para sábado, alguns feirantes com medo de perderem clientes, não deixaram de “por a banca” também aos domingos, segundo relato do Sr Antonio Miguel Fernandez: *“Alguns não pararam de colocar a banca no domingo e foram falando para os outros que tinham se dado bem, então um começou, outro também, e daí começamos a botar todos os dias”*. Com esta atitude os feirantes estabeleceram a permanência como uma das especificidades da feira, que acontece todos os dias, oficialmente das 06h30min as 18h00min. Isso sem folgas, pois está funcionando mesmo em feriados sejam eles santos ou comemorativos.

Para ganhar a formatação atual, foram varias obras de adequação e ampliação, em sua maioria sem registro nos órgãos competentes, sendo agregado ao desenho técnico da obra a *posteriori*. Essas obras são de difícil datação, mesmo pelos que delas participaram e que informaram que não havia um projeto formal.

As últimas obras realizadas, entre o final da década de 1990 e inicio da década de 2000, consistiram na construção das tarimbas, locais feitos de cimento armado e cobertura de amianto, que substituíram as barracas de madeiras dando um local definitivo para a feira livre. Houve a implantação de uma feira da Sulanca com aproximadamente 240 barracas para a venda de roupas, em um espaço dentro da feira específico para esta. Passaremos a apresentar e analisar, como o espaço da feira e seu entorno estão configurados e qual a influencia deste espaço para sua microrregião, municípios de Itamaracá, Itapissuma e Araçoiaba.

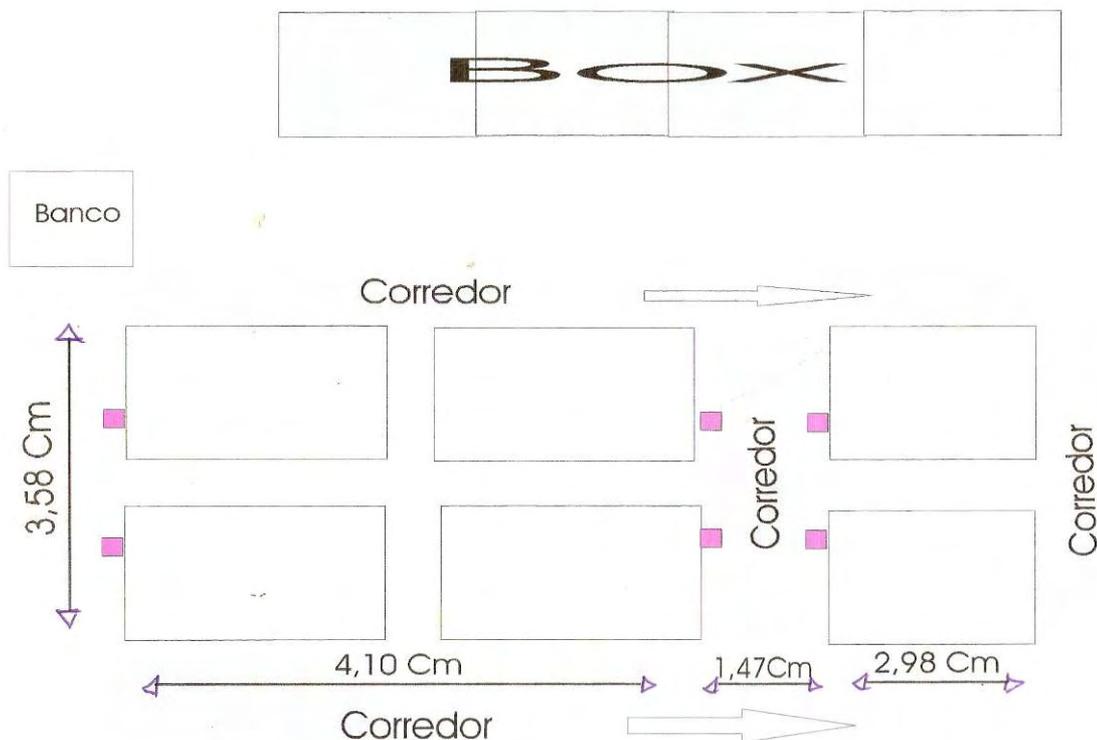
A configuração da feira livre de Igarassu apresenta várias áreas de tipos de comércios diferentes. Subdividiremos em: feira livre, Box e mercados de carne farinha e feira da sulanca. Para melhor compreensão e posterior análise, procurando entender qual a diferença entre a configuração oficial, aquela estabelecida pelos que produziram seu projeto de uso, e a sua configuração de fato, aquela usada pelos feirantes, os reais “usadores” desse espaço.

2.3.1 Feira Livre.

A feira livre consiste em tarimbas de concreto armado, com coberturas de telhas de amianto, que estão fixas nas duas ruas que atravessam o centro comercial. São no total de 259 tarimbas, para acondicionamento dos produtos para venda

Imagem 05

CONFIGURAÇÃO DAS TARIMBAS PADRÃO



Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Agricultura.

Podemos observar na figura 05 e foto 08, que uma tarimba é formada por quatro bancas, retângulos de construções de concreto armado, medindo cada banca 1,00 metros por 2,98 metros, com 1,16 metros de altura. Cada feirante dispõe de um espaço de quatro bancas e de espaço para circulação, totalizando 17,68 m². Podemos observar também que nos dois lados das tarimbas há um corredor e no fundo o local dos boxes, outro espaço para comércio da feira. Estes corredores, que representam duas ruas, são lugares para a circulação das pessoas, gerando o fluxo entre os fixos, as tarimbas e os boxes.

Foto 09

FOTO DE UMA TARIMBA NA FEIRA LIVRE DE IGARASSU



Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007.

Estas ruas vão de um lado ao outro da feira sendo passagem para pessoas que vão do centro para o Loteamento Agamenon Magalhães um dos mais povoados de Igarassu, bem como o inverso, do loteamento para o centro histórico onde fica os principais órgãos do governo municipal, das prestadoras de serviços públicos (Compesa, Celpe), sendo passagem quase que obrigatória para centenas de pessoas diariamente.

Quanto aos tipos de comércio este era o espaço padrão para o comércio de frutas e verduras, porém com a flexibilidade e falta de controle do poder público houve uma grande diversificação nos tipos de negócios nas tarimbas, como podemos notar na figura 06, que representa a distribuição dos tipos de comércio pelas mesmas

Figura 05

Disposição das tarimbas na Feira-livre de Igarassu



Legenda: Distribuição nos Fixos conforme ramo de comércio

■ Roupas Usadas*	■ Tempero
■ Produtos Diversos: Bijotérias, Calçados, Importados	■ Tabaco e utensílios
■ Frutas	■ Vazias
■ Verduras	■ Boxes para lojas
■ Produto elétrico, hidráulico para o lar	

Fonte: Emerson Trevisan, confecção durante o trabalho de campo entre os meses de Março e Dezembro de 2007.

Como podemos observar na figura 06, há predominância do comércio de produtos alimentícios perecíveis frutas e verduras, com uma divisão para as frutas na rua nº1 e verduras na rua nº 2, porém não é difícil ver as duas variedades consorciadas em algumas tarimbas. Vemos também uma predominância das frutas em relação aos outros produtos.

Então, temos uma ordem estabelecida principalmente em relação aos tipos de comércios, que estão nas “tarimbas” organizadas por setores, as frutas em uma rua bem definida, em outra, as verduras e outros produtos conforme podemos observar na figura 06, dando a impressão de gôndolas de supermercados, facilitando o reconhecimento do consumidor que já se acostumou com essa ordem.

Outra observação que nos chama atenção é que há em tarimbas produtos que deveriam originalmente estar negociados em boxes, tais como, produtos elétricos e hidráulicos para pequenos consertos, como observamos na foto 09, bem como produtos importados de baixo valor como bijuterias, brinquedos, armarinhos, etc.

Foto 10
FOTO DA TARIMBA DE PRODUTOS DIVERSOS

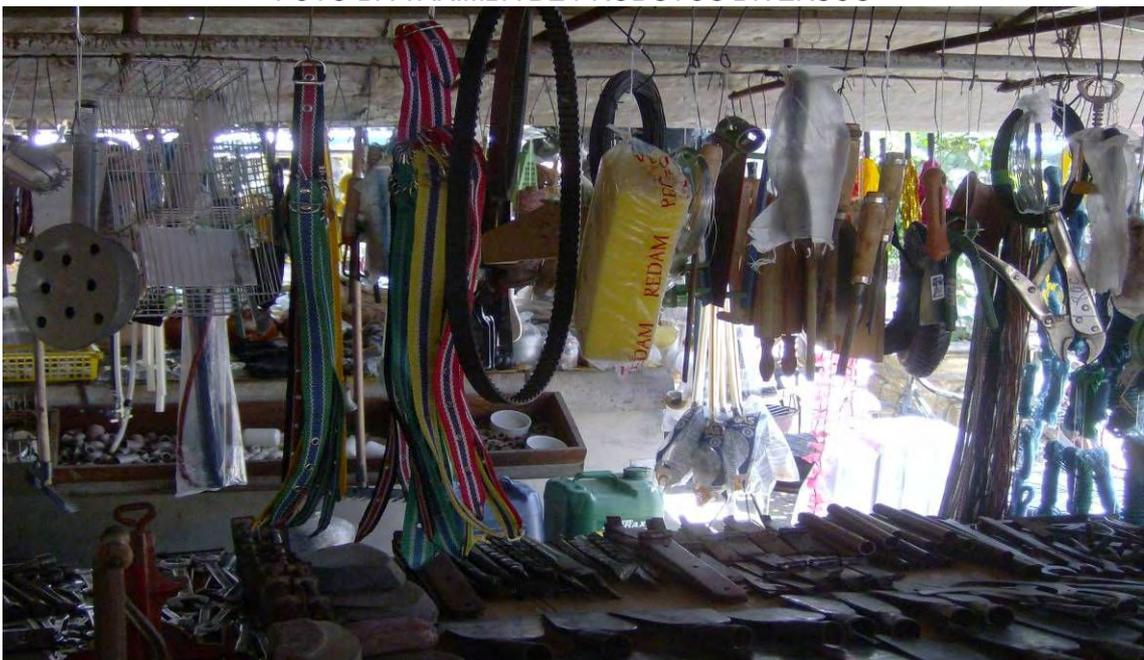


Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007.

A parte destinada às roupas usadas é uma feira a parte, já que essas tarimbas nos dias de semana, segunda a sexta feira, estão vazias, entretanto aos sábados há um intenso comércio de produtos de vestuário usados. Estas atividades têm como consumidoras pessoas de baixo poder aquisitivo, que buscam alternativas para a compra dos mesmos produtos em lojas como afirma a Sra Maria Antonia em entrevista dia 14/08/2007: *“Aqui os preços são em conta e até que são boazinhas”*. Em pesquisa informal feita pelo autor, notou-se uma diferença em média de 300% entre preços da feira de roupas usadas em relação a preços de lojas.

Foto 11
FOTO DA TARIMBA COM ROUPAS USADAS



Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007.

Foram pesquisados 132 feirantes donos de tarimbas, correspondendo a cerca de 2/3 do total aproximado já que não foi possível obter da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Agricultura o número total preciso. Dessas tarimbas todos se declararam donos, não observando-se o uso de empregados.

Tabela 04

2007 Tempo de trabalho dos feirantes nas Feira de Igarassu -PE		
Tempo	Numero	Porcentagem
1 a 3 anos	22	16.20%
3 a 5 anos	26	19.11%
5 a 10 anos	63	46.32%
10 a 15 anos	16	11.80%
+ de 15 anos	05	3.71%
Total	132	100%

Fonte: Emerson Trevisan, confecção durante o trabalho de campo entre os meses de Março e Dezembro de 2007.

Podemos observar na tabela 04, que cerca da metade dos feirantes (46,32%) que trabalha na feira implantou-se na faixa de de cinco a dez anos. O segundo grupo ingressou na feira nos últimos cinco anos, somando 35.31%. Percebemos que houve uma renovação, já que a feira tem 24 anos e somente 3.71% tem mais de quinze anos de trabalho. Poderíamos supor que essa renovação teria vínculo com a estabilização da economia brasileira após sucessivas crises econômicas mas isso não foi objeto de pesquisa que envolveria a coleta de histórias de vida dos feirantes.

Em relação à origem dos produtos na feira, mereceu uma atenção especial, pois, com a localização de Igarassu no limite rural/urbano se pensava que a feira ainda traria a característica das feiras de interior onde se nota a presença de pequenos agricultores trazendo suas mercadorias, as sobras de sua produção, para a venda. Mas, em Igarassu, a maioria dos trabalhadores não só da feira livre como do centro comercial reside em bairros periféricos da cidade.

Com isso o abastecimento de frutas e verduras da feira é proveniente do CEASA⁴, localizado na cidade do Recife, que recebe esses alimentos de todo o estado, da região Nordeste de do país. E segundo relato do Sr Antonio Miguel Fernandez: *“Cada um vai lá e compra sua mercadoria, às vezes pagamos um frete*

⁴ Centro de Abastecimento Alimentar de Pernambuco.

juntos”. Revela-se a falta ou o caráter incipiente de práticas de associativismo ou cooperativismo entre os feirantes, predominando a competição entre eles.

Porém, não podemos afirmar que o abastecimento seja feito 100% do CEASA, já que segundo Sra. Maria Eunice do Carmo vendedora de frutas e verduras: *“Quando aparece alguém aqui vendendo alguma coisinha como feijão verde a gente compra pra depois revender”*. Portanto, ainda temos pessoas que plantam em suas pequenas propriedades e vendem seu excedente aos feirantes.

Foto 12
RUA JERÔNIMO CAVALCANTE AOS SÁBADOS.



Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007

Outra característica referente à configuração da feira livre é que esta não se restringe às tarimbas de concreto armado. Como podemos notar na foto 11, da Rua Jerônimo Cavalcante, que fica no entorno da feira livre, feirantes comercializam suas mercadorias em pedaços de plásticos e lonas acondicionados no chão. Esta prática se dá especialmente aos sábados ou feriados (principalmente em datas próximas ao

pagamento dos aposentados do INSS), quando o fluxo de pessoas aumenta consideravelmente.

Este fenômeno não é exclusividade do entorno da feira, nos dias mais movimentados aumenta o número de ambulantes também no interior da feira, usando as ruas e calçadas. Bem como os produtos vendidos por estes não se restringem a produtos alimentícios, podem ser encontrados todos os tipos de mercadorias, principalmente produtos importados e DVD e CD pirateados.

Foto 13
FOTO DE UMA DAS RUAS DA FEIRA COM AMBULANTES



Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007.

Como notamos na foto 12, a flexibilização no espaço da feira livre não se restringe ao entorno, havendo a presença de vendedores ambulantes e camelos em todos os locais onde o fluxo de pessoas possa significar oportunidade para o comércio.

2.3.2 Os boxes, espaços de diferenciados.

Os boxes são outro tipo de espaço para a comercialização de produtos, existentes na feira livre de Igarassu. Diferentes das tarimbas são espaços fechados e que podem ser fechados, podendo ter dimensões diferenciadas e comercializar diferentes produtos.

Os boxes surgiram, em número de apenas 20, com o início do centro comercial em 1983. No decorrer das transformações do centro comercial esse número cresceu, chegando hoje a mais de 100 boxes. Também mudaram o tamanho e formato que, como no caso das tarimbas, foram sendo modificados dependendo da necessidade do comércio: Como, por exemplo, a transformação de 4 boxes em um supermercado, ou a divisão de um Box em duas lojas diferentes.

Esses boxes ficam localizados principalmente nas laterais das ruas das tarimbas, que estão espalhadas por todo o espaço do centro comercial, formando o maior e mais complexo setor da feira.

A principal diferença entre as tarimbas e os boxes, não reside no fato de um ser aberto como um tabuleiro (tarimba) e outro ser mais parecido com um espaço comercial, ou seja, uma loja (Box). A diferença está na organização destes espaços. Enquanto as tarimbas têm uma organização mais ou menos setorizada, os boxes não têm nenhum tipo de organização.

As principais características dos boxes são três: A primeira vincula-se aos tamanhos e formatos diferenciados, podendo variar conforme o comércio nele instalado, tendo de 3m² em uma loja de jogo do bicho até 2400m² em um supermercado. A segunda está intrinsecamente ligada à primeira e corresponde à variedade de comércio e produtos que estes espaços podem oferecer. Pois, depende do tipo de produto ou de produtos a variação do tamanho dos boxes.

Tabela 05
TABELA DOS TIPOS DE BOXES E SUA QUANTIDADE

Relação das atividades comerciais dos Boxes	
Tipo de comércios por produtos	Quant.
Açougue	2
Armarinhos	3
Avícola	4
Bar	10
Bebidas	1
Bomboniere	2
Calçados	2
Casa de jogos	6
Condimentos	2
Conserto de roupas	1
Conserto de eletrônicos	1
Farmácia	3
Fechado	12
Foto	1
Fumo	1
Lotérica	1
Material de construção	3
Moveis	1
Ótica	2
Padaria	1
Papelaria	1
Produtos beleza	4
Produtos veterinários/Ração animais domésticos	5
Restaurante	2
Roupas	20
Roupas infantil	2
Secos e molhados	2
Serviços Gráficos/ Lan House	2
Supermercado	1
Tecidos	2
Tintas	1
Total de boxes	101

Fonte: Emerson Trevisan, confecção durante o trabalho de campo entre os meses de Março e Dezembro de 2007.

Como podemos comprovar na tabela 05, há grande variedade de comércios nos boxes, de produtos alimentícios a prestação de serviços, adaptando o espaço destes conforme ao produto a ser comercializado configurando a variedade e tamanhos diferentes de Box, apresentando a miscelânea que é a feira de Igarassu, tanto em relação à configuração de seu espaço, quanto à variedade de seus produtos e serviços.

Outra característica marcante em relação aos boxes é a falta organização e setorização, pois é fácil encontrar dois tipos diferentes de produtos lado a lado sem a ordem observada, por exemplo, nas tarimbas.

Foto 14
FOTO DE BOXES NA FEIRA LIVRE DE IGARASSU



Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007.

Como podemos comprovar na foto 13, a não setorização dos comércios nos boxes permite a vizinhança de uma padaria, com um açougue, uma loja de roupas e uma de ração para animais domésticos. Demonstra-se que nesse espaço, as transformações, bem como o tipo de comércio, são determinados pela livre iniciativa dos comerciantes.

Quanto à proveniência dos produtos comercializados nos boxes, ela varia muito, podendo incluir até produtos importados por meios não legais, bem como aparelhos celulares fornecidos por grandes empresas de telecomunicações.

Em relação às pessoas que trabalham nos boxes, diferente das tarimbas onde são os donos que trabalham, podemos notar a presença de mão de obra contratada. Os boxes em que os donos trabalham são a minoria como mostra a tabela 06:

Tabela 06

RELAÇÃO DOS TIPOS DE BOXES QUANTO AO TRABALHADOR	
Tipo de trabalhador/ Boxes.	Quantidade
Proprietário	14
Proprietário/empregados	77
Empregados	10
Total	101

Fonte: Emerson Trevisan, confecção durante o trabalho de campo entre os meses de Março e Dezembro de 2007.

Assim, predomina o trabalho dos empregados nos boxes, geralmente com a presença do empregador. Estabelece-se o contrato de trabalho no caso das empresas formais e o trabalho informal no caso das empresas informais.

2.3.3 Mercado da Carne, Mercado da Farinha e Feira da Sulanca

Outros espaços que fazem parte do Centro Comercial/Feira Livre, os mercados da carne e farinha e a feira da sulanca, compõem com suas atividades a miscelânea da feira livre de Igarassu. Os dois primeiros, devido às transformações, sofreram uma desvalorização em seus espaços, estando no momento com seu uso subaproveitado, como verificaremos a seguir.

O mercado de carnes como já citamos foi a primeira construção agregada ao centro comercial em 1983, idealizada como um espaço para venda de produtos animais de diversos tipos, bovinos, suínos e galináceos. Este espaço entrou em decadência a partir da entrada de supermercados no entorno e no corpo da feira livre. Hoje este espaço é utilizado aos sábados, dia de maior movimento, e mesmo assim estando subutilizado.

Foto 15
FOTO DO MERCADO DA CARNE NA FEIRA DE IGARASSU EM UM SÁBADO



Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007.

Como podemos observar na foto 14, o espaço designado para o mercado da carne não está sendo aproveitado, havendo somente uma banca em uso no dia da foto. Esta realidade é constante, como relata o Sr. Roosevelt Carneiro Moura, dono de um box e também usuário do mercado de carnes em dia de maior movimento, em entrevista concedida no dia 15/12/2007 *“Ninguém vem mais aqui, temos que mudar de lugar para poder vender ... aqui ficou muito escondido”*. Essa afirmação é corroborada pelo deslocamento de vendedores de carne que se mudaram do mercado das carnes para boxes próximos à feira livre, como observaremos na foto 15.

Outro fator que contribui para esse esvaziamento foi uma maior fiscalização da vigilância sanitária, pois antes se podia comprar carne, para revenda, em sítios próximos, hoje somente é autorizada a compra do produto em estabelecimentos credenciados pela própria vigilância sanitária. Conforme averiguado, as carnes

vendidas na feira de Igarassu provem de frigoríficos da cidade do Paulista e de Recife.

Foto 16

FOTO DE BOX DE CARNE FORA DO MERCADO DAS CARNES



Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007.

Esse deslocamento segundo o próprio Sr. Roosevelt Carneiro Moura, “*Nós viemos atrás dos fregueses*”. Pois é a busca das ruas da feira, onde se localiza o maior fluxo de pessoas, que motivou o deslocamento de vários comércios que antes tinham um local específico.

Este fenômeno vai ser observado com varias áreas do comércio dentro da feira livre, uma readequação dos espaços, abandono de outros e criação e ocupação de espaços inicialmente não consagrados às atividades que hoje neles existem.

Outro espaço que caiu em desuso com a chegada dos supermercados, foi o atribuído ao comercio de peixes e frutos do mar, chegando hoje a não ter uma

importância para o andamento das atividades da feira, sendo procurado apenas por clientes fidelizados com o passar do tempo, como verificamos na foto 16.

Foto 17
FOTO DO ESPAÇO PARA COMERCIO DE PEIXES E FRUTOS DO MAR



Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007.

Havia outro espaço de importância nas atividades da feira livre, mas que, com as transformações socioculturais, está passando por uma reformulação: O Mercado das Farinhas (foto 17), onde se negociavam produtos relativos á macaxeira, como farinha de macaxeira, goma de tapioca, beiju. Esses gêneros alimentícios já foram mais importantes na dieta da população da cidade e, aos poucos, foram sendo substituídos por produtos industrializados; atualmente, o referido espaço é somente utilizado com maior freqüência aos sábados ou em dias de maior movimento.

A origem dos produtos tanto no mercado dos peixes como no mercado das farinhas são respectivamente pequenos pescadores da região e pequenos

proprietários de casas de farinhas também da região, e os comerciantes são proprietários que trabalham nas bancas.

Foto 18

FOTO DO MERCADO DAS FARINHAS



Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007.

Enquanto os espaços acima citados foram perdendo força e importância econômica na feira livre de Igarassu, outro vem crescendo e ganhando força, aumentando sua participação nas atividades: A Feira da Sulanca.

A feira da Sulanca tem um espaço específico para suas atividades, sendo o último espaço construído na feira livre. Esse espaço mede aproximadamente 800 m², tendo 50 barracas que comercializam roupas de todos os tipos como podemos observar na foto, sendo o maior setor individual da feira livre. Como nos boxes, o trabalho mais utilizado na feira da sulanca é o trabalho de empregados.

Quanto aos produtos comercializados na feira da sulanca, podemos constatar que em sua maioria são provenientes das cidades de Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Caruaru todas do Agreste Pernambucano. Cidades que se

destacam nacionalmente pelo desempenho na atividade da confecção de roupas. Tendo um espaço específico para suas atividades a feira da sulanca não concorre com outras atividades por espaços, como notamos na foto 18.

Foto 19

FOTO DA FEIRA DA SULANCA



Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007.

A configuração do espaço da feira livre de Igarassu foi modificada e adaptada conforme as necessidades dos feirantes e compradores, criando um espaço marcado pelos contrastes e pela diversidade. As diversas formas de abastecimento, trabalho e atividades econômicas tornaram este espaço um campo de iniciativas individuais e imprevisível. Também, diversidade e flexibilidade estão presentes no entorno da feira livre, como pretendemos apresentar a seguir, contribuindo para a formação de um espaço de centralidade não só em relação à economia como a dimensão social e cultural.

2.4 Feira Livre: seu entorno e sua centralidade.

Num primeiro momento, cabe uma reflexão sobre a definição do conceito da centralidade, tema presente nessa pesquisa, que revela a importância do espaço da feira livre não só para o município de Igarassu como também para os municípios da região mais ao norte da RMR do estado de Pernambuco.

Entre os princípios gerais da centralidade está a regulamentação do número, tamanho e distribuição dos núcleos de povoamento, que segundo Correa (1989); baseado nas preposições de Christaller⁵, “grandes, médias e pequenas cidades, e ainda minúsculos núcleos semi-rurais, são todos considerados como *localidades centrais*”. Dando ao espaço urbano uma hierarquia quanto à distribuição das cidades em relação a suas funções:

Todas as cidades são dotadas de *funções centrais*, isto é, atividades de distribuição de bens e serviços para a população externa, residente na região complementar (hinterlândia, área de mercado, região de influência), em relação à qual a localidade central tem uma posição central. A centralidade de um núcleo, por outro lado, refere-se ao seu grau de importância a partir das funções centrais: maior o número delas, maior a sua região de influência, maior a população externa atendida pela localidade central, e maior a sua centralidade. (CORREA, 1989, pag. 21).

Nesta perspectiva, Igarassu, devido a sua localização espacial dentro da RMR passa a ter um papel de centralidade dentro da microrregião de Itamaracá. Sendo fornecedora de bens e serviços para essa região, tornando-se então parte de uma rede urbana.

⁵ Geógrafo Alemão Walter Christaller, no seu livro *Central Places in Southern Germany*, formulou uma teoria a partir de um conjunto de pressupostos e princípios em que demonstrava haver ordem nos padrões do povoamento que observava à sua volta. Procurando explicar a organização espacial das povoações e das áreas de influência, em particular à sua localização relativa à dimensão.

Quanto à rede urbana, que tem formação na modernidade a partir de uma dominação dos processos de globalização, em rede, para Castells (1999:497), as redes constituem "a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura."

As redes constituem locais interligados a partir de uma lógica de produção, transporte e consumo:

Redes são instrumentos para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise à suplantação do espaço e invalidação do tempo. Mas a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder. (Castells, 1999:497)

Essa drástica reorganização do espaço, podemos observar em Igarassu a partir da mudança da feira livre do antigo espaço; perto do largo da Igreja de São Sebastião, para o local atual, às margens da PE 35, é um dos fatores para a centralidade de Igarassu em relação a sua região. Contribuindo para a expansão da urbanização, nas imediações do espaço da feira livre, como se observa nas fotos 19 e 20, de 1981 e 1998.

Foto 20
FOTO AEREA DO SÍTIO HISTÓRICO DE IGARASSU 1981



Fonte: CODEPE/FIDEM.

Foto 21

FOTO AEREA DO SÍTIO HISTÓRICO DE IGARASSU 1998



Fonte: CODEPE/FIDEM.

Este fenômeno ocorreu em função da dinâmica impulsionada pelas novas instalações da feira livre, que passou a exercer um papel de centralizador das atividades comerciais do município, somando-se ao crescimento das duas últimas décadas em toda a RMR, também ocorrido em Igarassu. Fica claro nas duas fotos aéreas o crescimento da mancha urbana no município de Igarassu, e que esse crescimento se deu em direção da PE 35, a partir do local onde foi instalada a nova feira livre.

Com esse crescimento, a feira passa a ter em seu entorno, tendo esse entorno aproximadamente um raio de 3 km, os principais equipamentos urbanos do

município, entendendo como equipamento urbano conforme a norma NBR 9284/86 da Associação Brasileira de Normas Técnicas:

“Equipamento urbano são todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados.” (NBR 9284/86)

Esta mesma norma define como categorias dos equipamentos urbanos: circulação e transporte; cultura e religião; esporte e lazer; infra-estrutura; segurança pública e proteção; abastecimento; administração pública; assistência social; educação e saúde. Conforme podemos observar na tabela 07, os principais equipamentos urbanos estão localizados no entorno da feira livre.

Tabela 07

RELAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS URBANOS DO ENTORNO DA FEIRA LIVRE DE IGARASSU	
Equipamentos	Quantidade
Hospital	1
Delegacia	1
Prestadoras de serviços públicos	3
Secretarias municipais	5
Praças e parques	2
Integração EMTU	1
Transporte alternativo	4
Escolas	4

Fonte: Fonte: Emerson Trevisan, confecção durante o trabalho de campo entre os meses de Março e Dezembro de 2007.

Estão entre esses equipamentos, o único hospital, a delegacia do município, a agência da prestadora de serviço público de energia, a agência dos correios, entre outros. Aumentando a concentração de comércios e prestadoras de serviços no entorno da feira livre, tendo com isso um numero maior de fluxo de pessoas.

Em relação ao comercio, ficam também no entorno da feira livre, as principais lojas do município, com os mais variados tipos de comércios, formando um centro comercial, tendo como centro a feira. Entre esses comércios estão lojas

especializadas como, lojas de madeiras, lojas de informáticas, lojas de calçados, lojas moveis, lojas de departamento, etc. Conforme a tabela 08 relata, no entorno da feira livre há uma concentração de comércio e serviços, configurando o centro comercial do município.

Tabela 08

RELAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS PRIVADOS DO ENTORNO DA FEIRA LIVRE	
Equipamento privado	Quantidade
Banco	4
Lojas de moveis	8
Lojas de moveis e eletrodomésticos	5
Loja de departamento	4
Loja de madeiras	3
Farmácia	8
Bancas de jornal	2
Lojas de informática	5
Fotos	2
Lojas de produtos de beleza	3
Serviços médicos e odontológicos	4
Serviços de advocacia	3
Serviços gráficos	3
Serviços bancários	2
Lojas de calçados	2
Serviços para automóveis	5
Supermercados	2
Locadoras	4
Serviços de serralheria	2
ONG	2
Bares	10
Padarias	3

Fonte: Fonte: Emerson Trevisan, confecção durante o trabalho de campo entre os meses de Março e Dezembro de 2007.

Esta área de concentração concerne também o setor de transporte público, pois todas as linhas de transporte urbano passam margeando a feira livre de Igarassu, seja no sentido cidade/subúrbio, seja no sentido subúrbio/cidade. Mesmo em relação aos municípios vizinhos como Araçoiaba, Itapissuma e Itamaracá, as linhas dos coletivos de transportes urbanos, que partem do terminal integrado de

Igarassu, passam pela PE35, local da feira. Garante-se à feira uma centralidade em relação ao município, bem como aos municípios vizinhos.

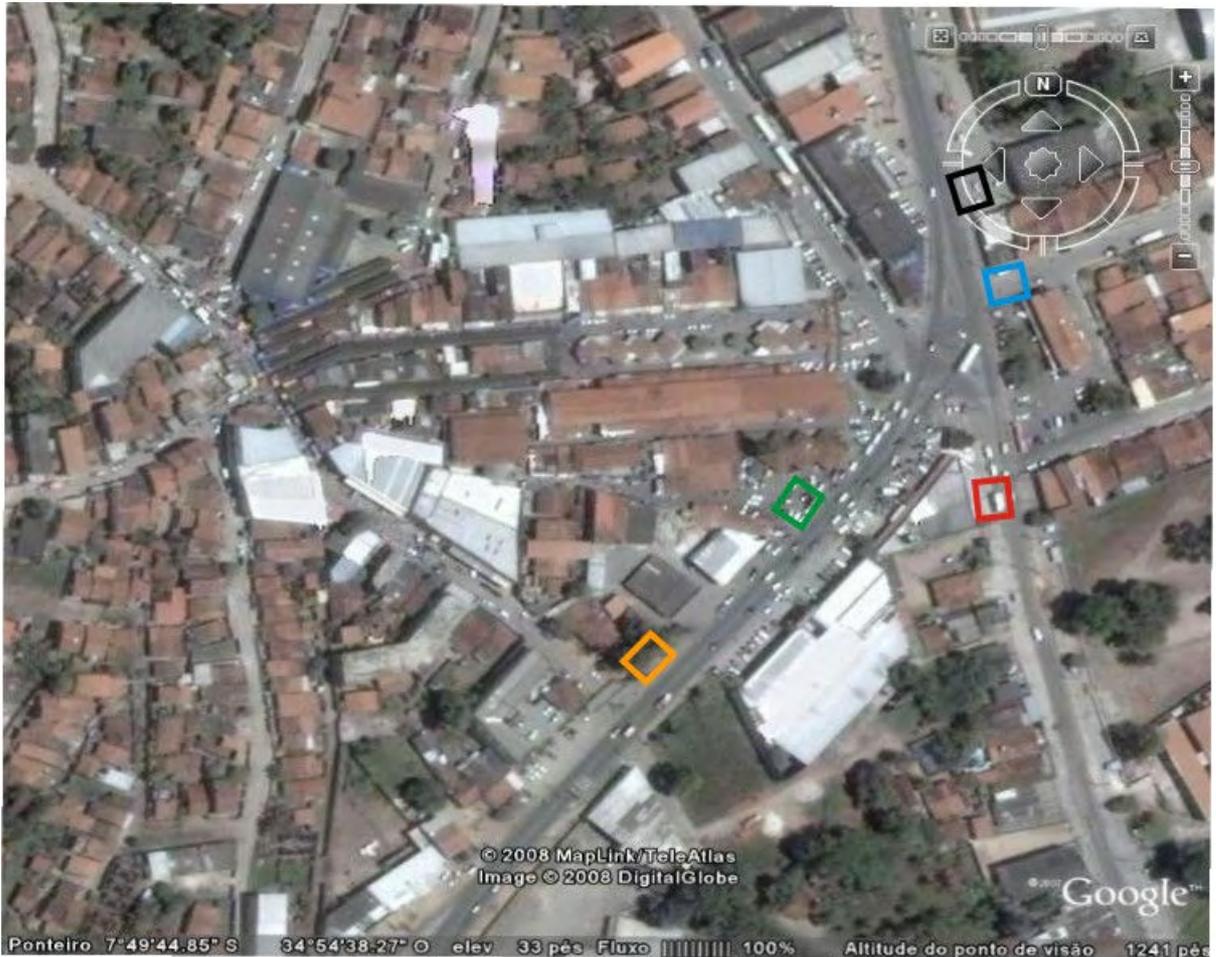
Em relação ao transporte alternativo, notamos vários tipos distintos no espaço da feira. Um primeiro deve-se aos transportes realizados por automóveis de pequeno porte, usados por moradores como serviço de taxi, levando individualmente suas “feiras” em casa; os motoristas ficam na porta dos supermercados oferecendo seus serviços, não tendo nenhum tipo de organização.

Um segundo, que utiliza também automóveis de pequeno porte, consiste em lotações para bairros do município que não são atendidos pelo transporte urbano regular, como é o caso dos bairros de Vila Rural e Alto do Céu. Este caso tem uma peculiaridade, pois os motoristas desses automóveis têm certa organização, tendo cada um sua vez de partir. Segundo Sr Ednaldo Guido de Souza em entrevista concedida em 11/11/2007 *“Aqui nós somos organizados, temos registro na prefeitura e cada um sai na sua vez”*; nessa mesma entrevista, ele relatou que cada motorista faz até oito viagens em dias de semana e doze nos sábados e dias mais movimentados. As lotações ficam localizados em um “ponto” próximo à feira da sulanca.

Para outro distrito de Igarassu que não é atendido pelo transporte urbano regular, o distrito de Três Ladeiras, existe uma linha de ônibus alternativo. Essa linha tem horários regulares de partida tanto no distrito, quanto no centro da cidade e segundo relato do Sr Severino de Souza em entrevista concedida em 11/11/2007 *“Carregamos de tudo dentro desse ônibus, feiras, bebidas para os armazéns de Três Ladeiras, material de construção, eletrodoméstico, o que vier nós carregamos, pois só tem esse mesmo que vai para lá”*. Esse transporte tem como ponto de parada um local próximo à feira livre.

Imagem 06

REDE DE TRANSPORTE ALTERNATIVO DE IGARASSU



Legenda dos Transportes alternativos de Igarassu

- | | |
|--|---|
| Abreu e Lima via BR 101 | Araçoiaba |
| Itamaracá | Abreu e Lima Via Sítio Histórico |
| Três Ladeiras | |

Imagem: Google Earth. Marcas do autor.

Outros meios de transporte alternativos são as chamadas Kombis, transporte tradicional da RMR, proibida na cidade do Recife, mas presente em toda a RMR. Como podemos observar na imagem (), as linhas de transporte alternativo partem todas elas das proximidades da feira livre, reforçando a idéia de uma centralidade exercida pela mesma. Partindo da feira e formando redes em relação aos municípios próximos e bairros da cidade.

3.0 Os dois circuitos da economia: o formal e o informal em convivência na feira livre em Igarassu.

Neste capítulo pretendemos trabalhar os conceitos de espaço, bem como dos dois circuitos da economia de países de subdesenvolvidos segundo Milton Santos (2006) fazendo uma análise a partir dos resultados do trabalho de campo realizado nesta pesquisa.

3.1 O Espaço Geográfico; uma construção humana.

Como relatamos nos capítulos anteriores, o espaço da feira livre de Igarassu vem passando por um processo constante de transformação e adaptação, segundo contextos históricos que influenciam nessas transformações e principalmente em suas adaptações. A reflexão sobre o tema espaço, muito abordado na Geografia, nos é necessária para um melhor entendimento sobre o tema.

Em primeiro lugar; não é nosso intuito esgotar a discussão sobre o referido tema. E sim refletir sobre a importância deste para a nossa pesquisa, já que viemos de área do conhecimento diferenciada¹ da Geografia, mesmo que essa área, o Turismo, dialogue em diversos momentos com a Geografia. Entendemos o espaço conforme definição abaixo:

O espaço é formado por um conjunto, indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo a natureza era selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois

¹ O autor é formado Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. (SANTOS, 2006, pag. 63).

Então, o espaço é o local onde são realizadas todas as ações humanas, nele o homem relaciona-se com seus semelhantes criando o espaço social em que desenvolve as relações sociais com os animais selvagens e domésticos; com a natureza, em seu próprio tempo; e principalmente transforma e adapta esta conforme suas necessidades e possibilidades. Sendo ele o ator da construção histórica desse espaço, essas transformações surgiram, num primeiro momento, pela necessidade de sobrevivência frente à natureza, porém a partir da construção de um conjunto de técnicas adquiridas para essa sobrevivência, o espaço se transforma de natural para um espaço social.

Sendo obra da ação humana, os sistemas de objetos são realizações humanas, que para tais, surgem de uma necessidade ou desejo. Como por exemplo, a feira de Igarassu, que por uma necessidade/vontade foi construída e posteriormente adaptada pelas ações do homem, pois:

Os objetos não têm realidade filosófica, isto é, não nos permitem o conhecimento, se o vemos separados dos sistemas de ações. Os sistemas de ações também não se dão sem o sistema de objetos. Sistema de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma (SANTOS, 2006.pag.63).

Neste processo dialético os espaços ganham forma conforme os contextos históricos, estando sempre em transformação, numa totalidade² em permanente processo de totalização.

Esse processo depende de diversas relações, sejam elas “horizontais”; no caso da feira, entende-se por “horizontais” as relações tecidas no cotidiano entre os feirantes. Também, existem relações “verticais”, entendendo-se por “verticais” as relações com entes externos à feira como, por exemplo, entre os feirantes e o poder público, seus fornecedores e consumidores. Nessas relações, os feirantes estão também a mercê de fatores externos, que podem estar longe de sua influência e poder de decisão.

Há diversos fatores externos que influenciam no processo de criação do espaço; pois, com a globalização, o local se tornou também global³. Não que todos os espaços estejam inseridos totalmente na globalização, principalmente no tocante às decisões, porém as influências de decisões externas podem alterar o andamento do processo interno de decisão e conseqüentemente a construção do espaço do lugar, entendendo no lugar:

um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida comum. Porque cada qual exerce uma ação própria e a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vem solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas e

² A noção de Totalidade se dá pelo pensamento que todas as coisas do universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes. A Totalidade B, ou seja, o resultado do movimento de transformação da Totalidade A, dividi-se novamente em partes. As partes correspondentes à Totalidade B, já não são as mesmas partes correspondentes à Totalidade A. (SANTOS, 2006. Pags. 115, 116)

³ Segundo SANTOS (2006, pag. 279):” O fato de que a rede é global e local, uma e múltipla, estável e dinâmica, faz com que a sua realidade, vista num movimento conjunto, revele a superposição de vários sistemas lógicos, a mistura de várias racionalidade.”

também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 1997: Pag. 258).

Portanto, é no lugar onde o homem realiza suas ações, sofrendo as conseqüências destas, bem como de outras realizadas por atores remotos ao seu espaço (lugar). Estas ações, que têm seus encadeamentos transformadores, surgem normalmente nos países centrais da economia capitalista e penetram com mais facilidade ou não; dependendo dos objetivos dessas ações, bem como da resistência do espaço (lugar) periférico, em aceitá-las ou rejeitá-las.

Contudo, como ressalta SANTOS (2000), a criação da *fábula* da globalização tenta passar uma falsa realidade: que a globalização planificaria as realidades dos espaço/territórios mundiais. O mesmo autor destaca o contrário: os espaços em países subdesenvolvidos não passaram pelos mesmos processos que passaram os espaços em países desenvolvidos; ou seja, o subdesenvolvimento não é uma escala para o desenvolvimento, pois os países subdesenvolvidos se organizam e reorganizam em função de interesses distantes e em escala mundial. Portanto:

Descontínuo, instável, o espaço dos países subdesenvolvidos é igualmente multipolarizado, ou seja, é submetido e pressionado por múltiplas influências e polarizações oriundas de diferentes níveis de decisão. Quanto menor a escala do lugar, mais numerosos são os impactos, o que dá uma decomposição do tempo à escala local. Enfim, o espaço dos países subdesenvolvidos é marcado pelas enormes diferenças de renda na sociedade, que se exprimem, no nível regional, por uma tendência à hierarquização das atividades e, na escala do lugar, pela coexistência de atividades de mesma natureza, mas de níveis diferentes. (SANTOS: 2004, PAG.21).

Essas características de descontinuidade e instabilidade dão ao espaço dos países subdesenvolvidos uma especificidade: as diferenças regionais e

locais. Estas diferenças estão no âmbito econômico perpassando para o social, e se acentuam a partir de ondas de modernizações⁴, que não se aplicam de modo uniforme, tornando os espaços variáveis e instáveis. Estas características vão criar, nesses espaços, dois circuitos econômicos da economia urbana (os circuitos superior e inferior da economia urbana dos países subdesenvolvidos) que refletirão no processo de organização dos espaços. Os dois circuitos da economia urbana correspondem à coexistência de formas de espaços diferenciados, contraditórios e contrastantes; nas cidades dos países subdesenvolvidos.

Dentre as particularidades que formaram os dois circuitos da economia urbana, está o processo de modernização e crescimento por meio da industrialização com frequência, comandada do exterior. Esse processo tende a selecionar alguns espaços, onde ocorre maciça aplicação de capital, acentuando-se assim as diferenças econômicas e sociais entre as regiões desses países, bem como as diferenças entre quem pode consumir e quem não pode consumir os produtos dessa modernização.

Os espaços nos países subdesenvolvidos (...) não são atingidos de um modo maciço pelas forças de transformação (...) as forças de modernização impostas pelo interior ou exterior são extremamente seletivas, em suas formas e efeitos (...). Essa seletividade do espaço ao nível econômico assim como social, é, ao nosso ver a chave da teoria espacial, (SANTOS in JESUS: 1992, pag. 98).

É a partir da análise dessa seletividade do espaço nos países subdesenvolvidos, que Milton Santos elabora a reflexão acerca dos *Dois Circuitos Urbanos nos Países Subdesenvolvidos*, em 1975. Nessa análise ele

⁴ Segundo Santos (2004): cada período é caracterizado pela existência de um conjunto coerente de elementos de ordem econômica, social, política e moral, que constituem um verdadeiro sistema, cada um desses períodos representa uma *modernização*, isto é, a generalização de uma inovação vinda de um período anterior ou da fase imediatamente precedente.

encontra uma divisão no espaço desses países, como uma cisão entre poucos privilegiados e uma massa de desprovidos:

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas de consumo. Essas diferenças são causa e efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo de bens e serviços. (SANTOS: 2004, pag. 37).

Esta divisão se dá por dois circuitos; o circuito superior ou moderno, que se originou diretamente das modernizações tecnológicas e seus elementos mais representativos que hoje são os monopólios; o circuito inferior que é formado por pequenas atividades desenvolvidas pela população pobre, sem ou nenhum resquício da modernização.

Tabela 09

Características dos Dois Circuitos da Economia Urbana de Países Subdesenvolvidos.

Características	Circuito Superior	Circuito Inferior
Tecnologia	Capital intensivo	Trabalho intensivo
Organização	Burocracia	Primitiva
Capitais	Importantes	Reduzidos
Emprego	Reduzido	Volumoso
Assalariado	Dominante	Não-obrigatório
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequena quantidade e baixa qualidade
Preços	Fixos (em geral)	Submetidos à discussão entre comprador e vendedor
Crédito	Bancário institucional	Pessoal não institucional.
Margem de lucro	Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios	Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios

Relações com a Clientela	Impessoais e/com papeis	Diretas, personalizadas
Custos Fixos	Importantes	Desprezíveis
Reutilização dos bens	Nula	Freqüente
Publicidade	Necessária	Nula
<i>Overheard capital</i>	Indispensável	Dispensável
Ajuda Governamental	Importante	Nula ou quase nula
Dependência direta do exterior	Grande, atividade voltada para o exterior	Reduzida ou nula

Fonte: O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. São Paulo: EDUSP, 2004.

As principais características dos dois circuitos da economia urbana de países subdesenvolvidos, encontradas na tabela 09, estão baseadas na organização e tecnologia. Enquanto o circuito superior está fundamentado na organização e tecnologia de seus processos, o circuito inferior (movido pela necessidade da sobrevivência tanto da atividade quanto do humano) necessita de muita flexibilidade na organização e não tem acesso à tecnologia de última geração.

3.1.1 O circuito Superior.

O circuito superior, por estar vinculado diretamente à modernização, tem como característica o apoio legal e governamental em suas atividades. Entre as empresas ligadas a este circuito constam: a indústria moderna de exportação; o comércio moderno de lojas de importados; redes de supermercados e supermercados e as prestadoras de serviços⁵ ligados à

⁵ Saskia Sassen, em as Cidades na Economia Mundial, nos faz compreender como o processo de globalização desencadeado com mais força após advento da acumulação flexível, colabora com o crescimento e a difusão espacial do setor de serviços, pois estes, que no Fordismo eram concentrados nas sedes das grandes corporações nos países centrais do capitalismo, passam

produção, tecnologia e informação.

Vinculado ao mercado financeiro o circuito superior tem no capital intensivo, dispondo de crédito bancário que dão sustentação às suas atividades, uma de suas principais características. Podendo produzir grande quantidade com baixos custos, gera o lucro a partir da quantidade, tendo na produção de seus bens e serviços significativa carga de tecnologia. Há como principal preocupação o acúmulo de capital.

Essas indústrias podem ser representadas pelas empresas multinacionais e conglomerados, que constituem uma rede⁶ em torno de sua produção. Levam seus procedimentos de produção para a rede, voltando esses procedimentos e condutas para sua produção, disseminando a cultura de sua organização para a rede.

O núcleo de decisão do circuito superior geralmente é centrado nas matrizes, em países desenvolvidos. Esta particularidade faz com que as empresas do circuito superior tenham pouca ligação com o espaço em que estejam instaladas; pois este espaço nada mais é que um local em que as condições para o acúmulo de capital são mais favoráveis. Se outro local oferecer mais vantagens a estrutura pode ser transferida. O espaço local não assume, então, uma importância vital para as empresas desse circuito.

Entre outras características do circuito superior: referente ao emprego,

a acompanhar a localização das filiais que com a acumulação flexível, podem estar em qualquer local do mundo.

⁶ Para Castells em sua trilogia "A Sociedade em Rede": "As redes são instrumentos para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise à suplantação do espaço e invalidação do tempo. Mas a morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder"

este é reduzido (pela alta tecnologia) e assalariado; as relações com suas clientelas são impessoais; sua organização é burocrática; não reutiliza os bens; tem na ajuda governamental um importante fator que cria a infra-estrutura necessária para sua instalação, bem como os incentivos concedidos; seus preços são geralmente fixos; utiliza-se de publicidade; a margem de lucro é reduzida por unidade e importante pela quantidade. O circuito superior depende direta ou indiretamente do exterior, onde estão suas matrizes desenvolvendo cada vez mais estratégias em escala globais.

3.1.2 O Circuito Inferior.

Sendo também uma criação da modernidade, o circuito inferior, tece uma relação diferente com o espaço, com base no fato que os empreendimentos nesse circuito têm como principal característica o trabalho intensivo.

Sua organização não é burocrática, pois a busca pela acumulação de capital não é a principal preocupação:

No circuito superior trata-se de acumular capitais indispensáveis à continuidade das atividades e à sua renovação em função dos progressos técnicos. No circuito inferior, a acumulação de capital não constitui a primeira preocupação ou simplesmente não há preocupação. Trata-se, antes de tudo de sobreviver e assegurar a vida cotidiana da família, bem como tomar parte, na medida do possível, de certas formas particulares à vida moderna (idem: pag. 46).

O trabalho, no circuito inferior, em sua maioria está ligado à mão-de-obra familiar ou, quando empregada, com vínculos empregatícios precários e flexíveis quanto à remuneração e ao tempo. Ocorrem várias faixas salariais

para uma mesma atividade, dependendo do lugar e tamanho da empresa. O capital, neste circuito, é reduzido; sendo a margem de lucro elevada por unidade, porém as vendas são em pequenas quantidades. Os preços são variáveis, já que a necessidade de rápido retorno do investimento faz com que a negociação seja um instrumento da atividade.

Os produtos têm baixa tecnologia ou quando há alguma tecnologia, estes são cópias de produtos originais. Os empreendedores trabalham com pouco estoque e necessitam vender rapidamente para comprar novos produtos e proceder a novas vendas, num ciclo de sobrevivência. Possuem pouco ou nenhum capital de investimento para o desenvolvimento do negócio. Há pouca ou nenhuma dependência do exterior, estando o núcleo de decisões próximo do espaço da realização da atividade ou confundindo-se com ela.

No circuito inferior, ao contrário do superior, mantêm-se relações enraizadas e privilegiadas com o lugar, pois está interligado com as populações mais pobres, tanto produtor quanto consumidor. Essas relações estão diretamente vinculadas à produção do espaço local, ligando a população ao lugar. Relacionam o homem ao lugar:

Cada homem vale pelo lugar onde está: seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território [...] Por isso a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção do ponto do território onde se está. Enquanto um lugar vem a ser condição de pobreza, um outro lugar poderia, no mesmo momento histórico facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhes são teoricamente devidos, mas que de fato, lhes faltam (destaque do autor). (SANTOS: 1987, pag. 81)

Listamos a seguir outras características do circuito inferior: a publicidade é nula ou decorrente da visibilidade permitida pela localização; os custos fixos são desprezíveis; o crédito é pessoal e não institucional; há

freqüente reutilização dos bens; o salário não obrigatório; a ajuda governamental nula ou quase nula, tanto em relação à infra-estrutura quanto a incentivos.

Uma propriedade do circuito inferior; devido à organização desburocratizada, à baixa taxa de investimento, à mão de obra barata, é a facilidade de entrada neste. Pois, com pouco recurso, se pode montar uma banca, na feira livre ou se estabelecer como camelô, negociando até produtos importados de baixo custo. As atividades econômicas pulverizam-se pelo grande número destas e de profissionais envolvidos. Porém o número de saídas do referido circuito é considerável, já que as mesmas características colaboram para a instabilidade que inviabiliza a continuidade do negócio.

3.2 Os Dois Circuitos e a Feira Livre de Igarassu.

Na feira livre de Igarassu podemos encontrar um espaço onde os dois circuitos da economia urbana de países subdesenvolvidos podem ser bem caracterizados. Espaço dividido, em que as diferenças econômicas e sociais estão evidenciadas nas atividades correspondentes a cada circuito.

3.2.1 Feira Livre e o Circuito Superior: o formal no espaço informal

Como já observamos, a criação do espaço da feira livre foi concebido com o intuito de desenvolver a feira, uma atividade sabidamente informal, que no seu processo de construção atraiu para o entorno, e mesmo no corpo da feira livre, comércios formais.

Entre esses comércios, podemos citar os supermercados e as grandes lojas de redes existentes na RMR, tendo como características principais do circuito superior o capital intensivo e organização burocrática.

As grandes lojas e os supermercados representam um fenômeno em grande expansão nos países subdesenvolvidos. Sua existência está ligada à possibilidade de uma demanda mais numerosa e mais diversificada, assim como nas possibilidades de pagamento em dinheiro líquido ou segundo formas burocráticas de crédito particulares a certas firmas comerciais. (SANTOS: 2004, pag.87.)

Outra atividade que está no entorno da feira livre e pertencente ao circuito superior é a bancária, em que os bancos são o elo entre o setor financeiro e o setor produtivo, tendo como função o financiamento do comércio da cidade em ambos os circuitos⁷. Dinamiza a economia por meio da facilidade de crédito; direto no caso dos empréstimos aos aposentados; e, indireto no financiamento da compra de bens de consumo e serviços.

Como podemos verificar, os empreendimentos do circuito superior, no entorno da feira livre, não estão muito numerosos, devido à proximidade da cidade do Recife núcleo da região metropolitana de Pernambuco. Igarassu não tem uma economia que justifique maior concentração de atividades do circuito superior; conforme tabela 10, que indica Igarassu como o nono PIB de Pernambuco, e sétimo na RMR.

⁷ No caso do circuito inferior, com Box que usam o sistema de cartão de crédito.

Tabela 10

10 MAIORES PIB DAS CIDADES DE PERNAMBUCO	
Municípios	2005
	PIB (1.000 R\$)
Recife	16.664.468
Jaboatão	4.067.013
Ipojuca	3.505.321
Cabo	2.852.381
Olinda	1.937.881
Caruaru	1.576.557
Petrolina	1.549.823
Paulista	1.140.991
Igarassu	629.163
Garanhuns	564.875

Fonte: IBGE

3.2.2 Feira Livre e o Circuito Inferior: o espaço informal, instável e contraditório.

O circuito inferior tem maior representatividade no espaço da feira, observadas pelas características apontadas no decorrer dessa pesquisa, algumas das quais serão resgatadas para melhor compreensão do tema. Entre elas o trabalho intensivo, pois a maioria dos feirantes são donos de seus estabelecimentos ou tarimbas e emprega, quando necessário, a mão-de-obra familiar.

Podemos verificar que a produção do espaço na feira livre é construída e adaptada por elementos do circuito inferior. Sua concepção foi baseada para a feira, suas adaptações foram executadas para as atividades ligadas ao circuito inferior, como o mercado da carne e a feira da sulanca. Atividades essas ligadas à informalidade, pois a feira e os feirantes constituem um ambiente e reúnem empreendedores representativos do circuito inferior.

Verificamos uma possível divisão dos atores do circuito inferior, na feira livre de Igarassu, em três grupos distintos.

O primeiro formado pelos donos de tarimbas que têm seu espaço setorizado, demanda alguma organização, havendo o local de venda das verduras e o local das frutas, com mão-de-obra do proprietário ou familiar. A relação com o poder público é rotineira e sem maior implicação econômica; segundo Sr Antonio Miguel Fernandez: *“Só vemos o pessoal da prefeitura aqui no sábado pela manhã para recolher o taxa de uso do solo”*.

O segundo grupo é formado pelos proprietários dos Boxes, que como os donos de tarimbas têm seu espaço definido, mas sem nenhuma setorização. Os Boxes se distribuem ao acaso, e não seguem nenhuma padronização imposta. Quanto ao trabalho podemos afirmar que em sua maioria é realizado por meio de contratos informais de trabalho. No caso dos Boxes existe uma nova característica: o uso de cartão de crédito, que era restrito ao grande comércio e passa a ser utilizado por pequenos comerciantes: cerca de 25% dos boxes já apresentam algum tipo de crédito como demonstra a foto 21, com a marca de alguns cartões de créditos no alto, à esquerda. Quanto ao pagamento de tributos esse tipo de espaço opta pelo tributo simplificado: o *simples*⁸.

⁸ Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuições das Microempresas e das Empresas de Pequeno Porte. Tributo Federal que para empresas com faturamento igual ou inferior a R\$ 120.000,00, que unifica oito impostos: Imposto de Renda Pessoa Jurídica (IRPJ); Programa de Integração Social (PIS); Contribuição para Financiamento da Seguridade Social - (COFINS); Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSSL); Contribuições para a Seguridade Social Patronal (INSS sobre Salários, pró-labores e autônomos); Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI); ICMS - Imposto sobre a Comercialização de Produtos e Serviços; ISS - Imposto sobre Serviços.

,Foto 22
FOTO DE UM BOX NA RUA DAS FRUTAS, NA FEIRA LIVRE DE IGARASSU



Foto: Emerson Trevisan, Dezembro de 2007.

O terceiro grupo corresponde aos vendedores ambulantes, que representam a flexibilidade máxima, característica do circuito inferior. Sem espaço ou setor definido, estão livres para buscar um melhor lugar conforme as condições de vendas. O trabalho é totalmente informal e o negociante não se fixa a uma mercadoria, pois pode vender roupas hoje e relógios amanhã. As vendas são feitas com muita negociação, pois o preço pode variar dependendo da necessidade, já que o vendedor ambulante ganha para sua sobrevivência. Neste mesmo grupo estão os trabalhadores do setor de transporte informal, pois seguem os mesmos preceitos, mudando de bens de consumo para os serviços.

Quanto ao crédito, notamos que o circuito inferior trabalha com o “fiado”

ou “caderneta”. Constituem modalidades de pagamentos a prazo, baseado na confiança de alguns feirantes em seus consumidores; aqueles anotam em uma caderneta o valor das compras e recebem o pagamento no dia mais conveniente para o consumidor. Esta forma de pagamento garante a sobrevivência de alguns feirantes, sendo ao mesmo tempo um considerável risco, pois tem como garantia a “palavra” do consumidor. Não é raro encontrar feirantes com mais dinheiro a receber que o valor das mercadorias de sua tarimba.

Nesse ritmo os feirantes buscam a sobrevivência, *em uma ordem próxima*, construindo e reconstruindo objetos espaciais (fixos), por meio de ações de sua própria vontade ou para atender a uma demanda (fluxos). Num processo de totalidade e totalização, de construção e reconstrução do espaço da feira livre de Igarassu

3.3 A Feira Livre de Igarassu, o Circuito Superior e Circuito Inferior: A convivência do formal e informal num espaço de lutas.

O espaço em países subdesenvolvidos como afirma Santos (2004), está dividido em dois circuitos, superior e inferior. Sendo construção da modernidade; um diretamente (superior) outro pelas diferenças econômicas e sociais criados pela modernidade (inferior). Estando o inferior numa situação de dependência do superior.

No que se diz respeito ao espaço da feira livre, observamos uma integração (essa integração não foi evidenciada o que apareceu foi à convivência) entre o circuito superior e o circuito inferior, mesmo notando que o comércio e os serviços componentes do circuito superior de Igarassu não ultrapassam a escala local.

Essa convivência propicia uma tendência à integração entre os dois circuitos que se dá pela via do consumidor, pois o espaço da feira e seu entorno foi transformado no Centro Comercial de Igarassu, esta inclinação é confirmada aferindo os dados da pesquisa com 500 consumidores da feira livre.

Pesquisa realizada entre Maio e Novembro de 2007, sendo aplicados os questionários no espaço da feira livre de Igarassu, numa média de 25 pessoas por dia. Estas eram escolhidas ao acaso, com o pesquisador transitando pelas ruas. Esta metodologia foi escolhida na tentativa de não fixar lugar, poderiam ter pessoas de um mesmo local, pois como já mencionado há locais específicos de paradas de transportes para regiões determinadas.

Tabela 11

TABELA DE TENDÊNCIA DE LOCAL DE COMPRA DOS CONSUMIDORES DA FEIRA		
Compra (tendência do local)	Entrevistados	Porcentagem
Feira e Box	30	6%
Supermercados, grandes lojas e Bancos	65	13%
As duas opções acima	405	81%
Total	500	100%

Fonte: Emerson Trevisan, confecção durante o trabalho de campo entre os meses de Março e Dezembro de 2007.

A questão apresentada aos consumidores tinha o objetivo de esclarecer qual o local de compra do consumidor, se ele era motivado a buscar as lojas, supermercados e bancos (superior) ou os Boxes e tarimbas (inferior). Um fator relevante é que mesmo com a proximidade de cidades com o circuito superior mais desenvolvido, as pessoas da região⁹ que poderiam optar por esses grandes centros, ficam em Igarassu.

Tabela 12

TABELA PROCEDÊNCIA DOS CONSUMIDORES DA FEIRA		
Local	Entrevistados	Porcentagem
Araçoiaba	65	13%
Itapissuma	43	8,6%
Itamaracá	16	3,2%
Igarassu urbano	274	54,8%
Igarassu Rural (Distrito de Três Ladeiras)	86	17,2%
Igarassu Rural (Distrito de Nova Cruz)	16	3,2%
Total	500	100%

Fonte: Emerson Trevisan, confecção durante o trabalho de campo entre os meses de Março e Dezembro de 2007.

Fica destacada conforme tabela 12, a utilização de consumidores de outras localidades, de distritos rurais do município, bem como de cidade circunvizinhas que correspondem a 45,2% dos consumidores pesquisados, que tem como referência a feira livre como local de compra.

Fica evidenciado, na pesquisa, que o conjunto de atividades dos dois circuitos é o responsável pela ida do consumidor à feira. A Sr^a. Jussara Maria

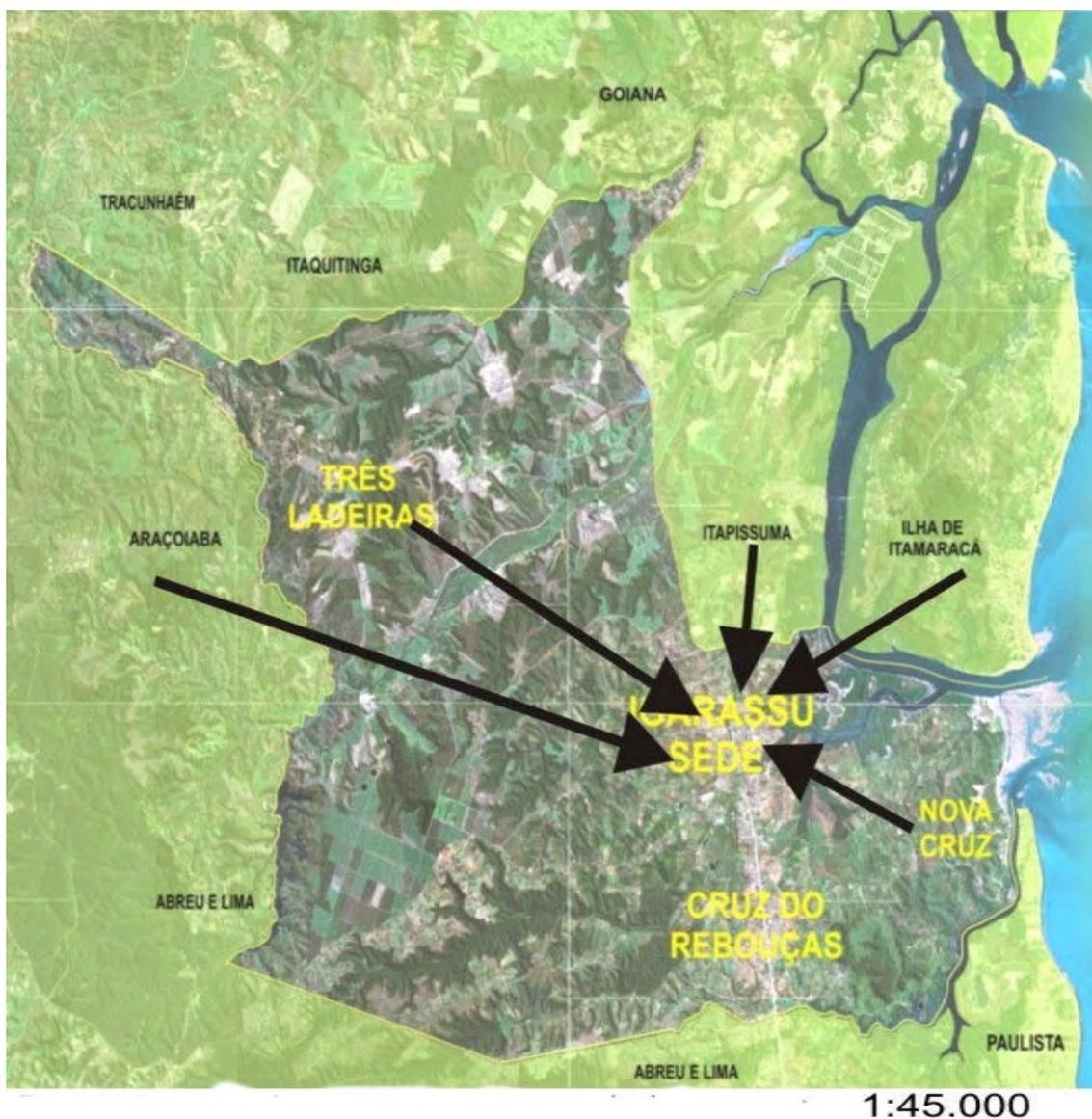
⁹ As pessoas advindas de cidades vizinhas como Itamaracá, Itapissuma e Araçoiaba, ou do distrito de Três Ladeiras poderiam se deslocar para Recife com o mesmo custo de vir para Igarassu, pois trata-se de uma integração do transporte coletivo metropolitano.

de Souza em entrevista, no dia 18/07/2007 relata que: “*Venho pagar uma conta ou receber o ‘aposento’ e aproveito para fazer a feira [...] compro o grosso no mercado, mas a charque compro na feira*”. Deixa clara, a junção na prática de consumo dos dois circuitos.

Essa integração é possibilitada pela localização de Igarassu no limite do urbano/rural, pois as outras cidades que fazem limite urbano/rural foram desmembradas de Igarassu (Itamaracá, Itapissuma e Araçoiaba), conferindo à cidade certa centralidade em relação a esse conjunto. Os consumidores dessas localidades se deslocam para Igarassu com objetivo de fazer a “feira”, bem como resolver problemas administrativos, nos bancos ou prestadoras de serviços públicos, bem como no sistema de saúde público. Esta centralidade se estende para bairros e distritos mais distantes da cidade, conforme a imagem 07, do fluxo de pessoas das áreas acima citadas para a feira.

Imagem 07

IMAGEM¹⁰ DO FLUXO DAS CIDADES CIRCUVIZINHAS E DISTRITOS DE IGARASSU



Fonte: Secretaria de Planejamento, Meio Ambiente e Patrimônio Histórico

Fica evidenciado que na junção dos dois circuitos o espaço da feira livre se organiza e reorganiza. Num processo de construção do *lôcus*, gerando os fixos e fluxos pertinentes ao espaço do cotidiano, com seu próprio tempo. Um

¹⁰ Manipulação da imagem: Emerson Trevisan, confecção durante o trabalho de campo entre os meses de Março e Dezembro de 2007.

espaço da vida da população com as inter-relações econômicas, políticas e sociais, transformando o ato do comprar na cultura do “fazer a feira”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem ter a pretensão de esgotar o assunto, e na certeza da necessidade de um melhor aprofundamento no tema, chegamos a algumas considerações no decorrer desta pesquisa.

Privilegiamos o enfoque econômico em relação ao espaço de Igarassu, pois nos pareceu a melhor abordagem para o tema, contudo a visão social esteve presente permeando e perpassando essa pesquisa.

Numa primeira observação, ainda no começo desta pesquisa, o enfoque principal era o espaço específico da feira livre com suas tarimbas e Boxes; no decorrer da investigação, nos deparamos com a necessidade de uma visão mais ampla e passamos a interpelar o espaço da feira e seu entorno, bem como da microrregião de Itamaracá.

Com essa nova abordagem surgiu um novo dilema, que a princípio nos pareceu uma questão semântica: a nomenclatura do lugar; Feira Livre ou Centro Comercial. Adotamos a primeira por uma questão cultural, em respeito aos trabalhadores e usuários do local, que usam este nome para mencionar o lugar.

Contudo, mesmo adotando o nome feira livre, observamos que a “feira” é na verdade o Centro Comercial em Igarassu. Pois a ampla maioria do comércio, das prestadoras de serviços, sejam elas públicas ou privadas, do setor bancário, do setor de saúde, do sistema de transporte metropolitano e alternativo e dos serviços de segurança estão localizados no espaço da feira e em seu entorno.

Podemos afirmar que a centralidade do centro comercial tem vários fatores que abordamos e agora ratificamos. Em primeiro lugar a localização de Igarassu no

limite do urbano/rural, pois a feira, que foi a atividade motriz da constituição do centro comercial, é o espaço de interação entre o urbano e rural, em que este apresenta seus produtos e aquele a necessidade de consumo dos artigos indispensáveis.

Outro fator observado, foi o contexto histórico em relação à cana-de-açúcar, que de certo modo limitou até o final da década de 1980 o desenvolvimento social e econômico, devido ao seu exclusivismo. Isto de certa maneira conferiu à Igarassu uma característica de cidade rural.

Uma importante ação, a nosso ver, foi a construção do novo espaço da Feira Livre de Igarassu, em um espaço mais amplo e planejado, localizado às margens da PE 35. Com nova área foi possível o crescimento não só da feira como do centro comercial em seu entorno.

A expansão da mancha urbana da Região Metropolitana de Recife foi estimulada mesmo se chegou a Igarassu com força menor que em outros municípios da RMR. Esse fenômeno pode ser explicado pela distância física da cidade e o núcleo de radiação da RMR: Recife. Durante esse processo, municípios no entorno de Igarassu e mais distantes na direção norte, foram desmembrados do mesmo: Itamaracá em 1958, Itapissuma em 1982 e Araçoiaba em 1995, mantendo relações com a cidade original que se equipou por meio da ampliação e deslocamento do seu espaço comercial

Outra condição para essa centralidade foi que Igarassu passou a ser um ponto de passagem para estes municípios com a implantação do terminal integrado de passageiros da EMTU (Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos). Sendo passagem obrigatória da população para outros pontos da RMR. Bem como a

passagem de veranistas e turistas para a Ilha de Itamaracá, local de muitas residências de veraneio e de importância turística até meados da década de 2000, mas que preserva a condição de cidade turística

Essas condições dão ao espaço da feira uma localização privilegiada em relação a sua microrregião; por um lado a presença de consumidores da região mais ao norte da RMR; por outro lado de turistas, que têm em Igarassu o ponto de compras mais “moderno” da região.

Em relação ao espaço da feira livre, ocorreram reconstruções por necessidade da adaptação de seus fixos para melhor atender uma demanda crescente de novos feirantes, que buscaram nesse espaço trabalho e sobrevivência. Essas adaptações, em sua maioria, ocorreram à revelia do poder público que, como constatado em entrevista com feirantes, comparece à feira mais no intuito da cobrança de impostos devidos e apoio político em época de eleições, do que para uma reorganização radical do espaço. Ao deixar uma certa liberdade, o poder público reconhece de fato a importância das práticas informais e pode ter permitido o desenvolvimento de sucessivas adaptações no contexto da flexibilidade que caracteriza esse espaço.

No tocante à política, pode notar-se a ausência do assunto nessa pesquisa; pois, desde o início desta, optamos por não focar o assunto. Foi uma estratégia para não se engajar em disputas que pudessem prejudicar nossas observações; esta estratégia se revelou válida, já que os atores da feira nos forneceram todas as informações solicitadas, algumas não registradas pelo poder público.

Em relação aos Dois Circuitos da Economia dos Países Subdesenvolvidos, segundo Santos (2006) podemos notar uma maior pujança do circuito inferior, não

podendo ser diferente; porque a economia comercial de Igarassu, ainda não sustenta um circuito superior forte, mas podemos notar um crescimento de estabelecimentos vinculados a esse circuito, no município.

O fator que nos chamou a atenção é que a feira é um típico espaço do circuito inferior, contudo foi o norteador para o surgimento do Centro Comercial, e mesmo após a chegada de empresas do circuito superior, em aparente concorrência direta com empreendedores do circuito inferior, esse ainda continua forte.

Porém, o mais importante a nosso ver é que é na junção dos dois circuitos, em um espaço tão próximo e único na cidade, produz-se um espaço de vital importância para a vida econômica, social, política e cultural da cidade. É nele que muitos vão à busca de alimentos mais baratos e em pouca quantidade, vendidos na feira livre; à busca do emprego formal que está surgindo com o ingresso de supermercados e lojas de departamentos de redes da RMR; à busca, no caso dos camelôs, do sustento da família. Esse espaço é privilegiado, instável e contraditório, nele a vida pulsa numa constante busca pela sobrevivência. É palco das construções e reconstruções, não um espaço de resistência, mas sim de constantes adaptações.

Com as considerações acima feitas, fica uma indagação que revela a relevância da continuidade dos estudos sobre o tema. A variante econômica, representada em grande parte pela necessidade da busca pelo sustento, tem sobre a formação e reconstrução do espaço da feira livre uma importância maior que a variante sociocultural. Essa indagação, e motivação para a continuidade da pesquisa com um aprofundamento necessário ao tema.

BIBLIOGRAFIA

ABNT. Equipamento Urbano: NBR 9284. Rio de Janeiro 1986

ANDRADE, Manuel Correa de. *Área do sistema canavieiro*. Recife, SUDENE-PSUSER, Estudos Regionais 18, 1998.

_____. *A terra e o homem no Nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

_____. *O Processo de Ocupação do Espaço Regional do Nordeste*. Recife: SUDENE, 1979. (Estudos Regionais)

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BECKER, Bertha K. *Levantamento e avaliação da política federal de turismo e seu impacto na região costeira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, 1995

BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. 2º Ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.

CASTELLS. Manuel. *A sociedade em rede*. 2ª Ed. Vol. I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTILHO, Claudio Jorge Moura de. *Lugar e Trabalho: uma reflexão sobre a papel espaço geográfico em ações governamentais à promoção do trabalho*. In VI encontro Regional da ABET. João Pessoa, 2007. Anais João Pessoa: ABET. 726 pag. 665 a 673.

CASTRO, Iná Elias de. *Geografia e Política: Território, escalas de ações e instituições*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

CASTRO, Josué de. *Ensaio de Geografia Humana*. 4ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1966.

CORREA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. (organizadores). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

CORREA, Roberto Lobato. Os estudos das redes urbanas no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*. N° 4, ano 29, p. 93-116, 1967

_____. *A rede de localidades centrais nos países subdesenvolvidos*. *Revista Brasileira de Geografia*. N° 1, ano 50, p.61-83, 1988.

_____. *A rede Urbana*. Serie Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1989.

COSTA, Antonio Albuquerque. *Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Infomacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia. UFPE. Recife, 2003.

DIEGUES JR, Manuel. *População e Açúcar no Nordeste do Brasil*. Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro, 1952.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.

IGARASSU. *Inventário do Potencial Turístico de Igarassu*. Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte. Igarassu, 2006.

IGARASSU. *Boletim Informativo da Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte de Igarassu*. Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte. Igarassu, 2004.

IGARASSU. *Dados Geográficos, Históricos, Econômicos e Administrativos do Município 1969-1973*. Igarassu, 1974.

IGARASSU. *Dados Geográficos, Históricos, Econômicos e Administrativos do Município 1977-1983*. Igarassu, 1984.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. *O Lugar da feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Rio de Janeiro, 1964-1989*. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, V54 n01 p 95-120, jan/mar. 99.

ISSLER, Bernardo. *As feiras do Nordeste e sua função regional*. In: Orientação 1, 1965. p. 37-41

LERY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. 2ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, mar./1951.382p.

MARANHAO, Paulo. *Cana de Açúcar e Engenho Bangüê Colonial*. Recife, COMUNIGRAF, 2003.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 4ªed. São Paulo: Loyola, 2002

MENDONÇA, Francisco. KOZEL, Salete. (Organizadores). *Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea*. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

MONTENEGRO, Marina Regitz. *O Circuito inferior da economia Urbana na cidade de São Paulo no período da Globalização*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia USP. São Paulo, 2006.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. *A feira de Brejo Grande*. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia. UNICAMP. Campinas, 1975.

PAZERRA JR, Eduardo. *"A Feira de Itabaiana - PB: Permanência e Mudança"*. Dissertação de Doutorado, Departamento de Geografia, USP. São Paulo, 2003.

PERNAMBUCO. Companhia Pernambucana do Meio Ambiente (CPRH). *Diagnostico Socioambiental do Litoral Norte de Pernambuco*. Recife, 2003. 214p.

PERNAMBUCO. Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife. *Plano Diretor da Região Metropolitana do Recife: CODEPE/FIDEM METROPOLE 2010*. Recife, 1995 80p.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. 4ª Ed. 2ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. *O Espaço Dividido: os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Técnica e espaço: globalização e meio técnico - científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

_____. *Pobreza urbana*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec. 1979b. 73p.

_____. *Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991. 124p.

VASCONCELOS, Maria Rosalva Santos. *A CUL TURA DO COCO-DA-BAÍA NOS MUNICIPIOS DE IGARASSU E ITAPISSUMA: de paisagem decantada a paisagem decadente*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia UFPE. Recife, 2000.

TREVISAN, Emerson. *Vivencia do Tempo, Espaço, Planejamento e Turismo: uma análise na atividade turística do município de Igarassu-Pe*. Trabalho de Conclusão de Curso Departamento de Turismo UEPG. Ponta Grossa, 2004.

ARTIGO DE JORNAL

Américo, Jose. *Jurandir atende o povo. Sábado e dia de feira*. Jornal de Igarassu. Igarassu Junho de 1986. Capa p 1. Ano III - n06 - Junho/86.

JORNAL DE Igarassu



ORÇÃO NOTICIOSO A SERVIÇO DO MUNICÍPIO

ANO III - Nº 6 - JUNHO/86

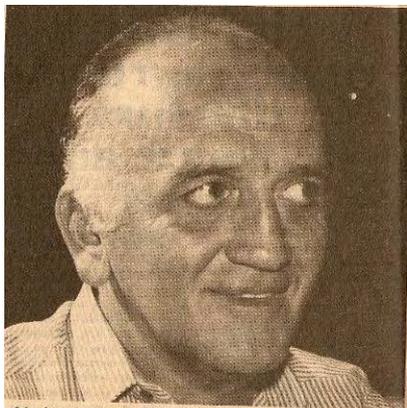
Jurandir atende o povo. Sábado é dia de feira

Uma tradição de muitos anos, a feira semanal realizada nos dias de domingo em nossa cidade, foi definitivamente arquivada por uma decisão do prefeito Jurandir Bezerra. Foi por esse meio simples que o chefe do Executivo do Município atendeu os insistentes reclamos da comunidade igarassuense que, há mais diversas alegações, solicitava a transferência da feira para os dias de sábados. O ato de JZ ganhou aplausos de todos e revela, mais uma vez, a habilidade de homem público que caracteriza o prefeito, sempre alinhado com as mais sentidas necessidades da nossa gente. Con-



se sensível ao sentimento cristão de nossa gente", ressaltando, ainda, que Jurandir, antes de adotar a medida, fez proceder estudos de viabilidade, "numa clara demonstração de que não adota procedimentos precipitados".

Pedro José Dias, vendedor de frutas desde o ano de 1943, disse que vinha sofrendo constantes prejuízos em face da concorrência com feirantes de outros municípios, que para aqui traziam "restos de outras feiras". Agora, ele confia em que poderá oferecer aos consumidores produtos de melhor qualidade. Outro pequeno comerciante que



prefeito Jurandir Bezerra

Jurandir Bezerra: ANEXO 2

1984: um ano de grandes realizações

O prefeito Jurandir Bezerra, ao fazer um balanço do seu primeiro ano de administração, situa suas prioridades, as condições de Igarassu em relação aos demais municípios da Região Metropolitana do Recife, analisa os avanços na área fiscal, com o aumento de receita do município. E de tudo tira esta constatação: este será um ano de grandes realizações, que já começam a aparecer. Veja a entrevista com o prefeito Jurandir Bezerra e a análise de um ano de administração:

JZ - Passado um ano de governo como o Sr. definiria a situação de Igarassu?
 JURANDIR - Apesar das grandes dificuldades que enfrentamos em a crise econômica que atravessamos o país, o Município de Igarassu auto-afirmou com realizações e vão do turismo - com restauração da Casa de Câmara e Cadeia e o Monumento da Paraca Stos. Cosme Damião - ao social, através do revolvimento de grande parte mão-de-obra desqualificada da cidade, através da URBI-Empresa de saneamento de Igarassu que conta com mais de 150 operários. Em de prioridades do meu plano de governo que é o binômio Saúde-Educação.
 JZ - O Município arrecada mais ou menos?
 JURANDIR - A arrecadação do Município aumentou e muito, e acréscimo devemos acima de tudo à luta vitoriosa empreendida pelos prefeitos e governadores brasileiros pela aprovação no Congresso Nacional da emenda Pastos. Com ela o FPM - Fundo de

de Machado até a Vila da Fachez fazem parte de arrojado projeto que pretendo executar. Com apoio de Sidene vamos iniciar brevemente a perfuração de 3 poços artesianos nas localidades de Pitanga, Tabatinga e Vila Rubina na Cruz de Rebouças, solucionando um dos problemas mais angustiados da nossa população pobre. Para Cruz do Rebouças, estamos projetando também a abertura de uma avenida ligando aquele local à BR-101, a fim de facilitar a locomoção dos seus moradores até locais de serviços principalmente na época invernal. Em Aracoiaba, uma série de obras serão executadas visando beneficiar aquele distrito. A primeira delas será a substituição da antiga e precária iluminação pública pela moderna iluminação a vapor de mercúrio de 125 watts. Outra obra é a recuperação e ampliação do Mercado Público, além do calçamento do pólo da feira, pontos imprescindíveis para a criação do seu centro comercial. Também este





Com tenacidade, Jurandir Bezerra pôde concluir seu primeiro ano de mandato. Agora é partir para realizações futuras.

O "PLÁ" DO PREFEITO

Eis que chegamos ao primeiro ano de nosso mandato com um saldo de realizações satisfatórias, embora premido pela política tributária do Governo, pois a atual política fiscal em vigência é congruamente ineficaz como instrumento para a promoção do desenvolvimento harmônico de Estados e Municípios, quer no campo econômico, quer no político, social e cultural.

Foi um ano de esforço e tenacidade, onde lutamos contra barreiras intransponíveis, onde exemplificamos os altos jargos cobrados pelo BNH, que nos deixou alagados para que realizássemos mais obras em favor da comunidade.

Mesmo assim fizemos algo de proveitoso e gratificante em todos os setores da edilidade neste primeiro ano de Governo, não obstante as dificuldades que enfrentamos.

Demos à Educação a prioridade prometida quando de nossa campanha. O nosso quadro funcional teve três aumentos distintos: Em Janeiro 45%, Maio 47% e Novembro 64%, sendo que neste último, os funcionários que ganhavam acima do mínimo tiveram um aumento de 50%, além dos 13% aos celetistas e pessoal da URBI.

Atualmente remetemos à Câmara de Vereadores uma mensagem de Reclassificação do funcionalismo, onde pretendemos acabar com as distorções existentes no nosso quadro funcional, e adiantamos que o menor salário será acima de mínimo.

Obras reivindicadas pela população como o Mercado da Carne, a Feira do Centro Comercial de Igarassu, Serviço de Telecomunicações de Três Ladeiras e Arassoiba, além de outras, foram realizadas dentro de nossas possibilidades e hoje é uma realidade positiva para os municípios.

Infelizmente a emenda Passos Porto pouco vai influir nos municípios que estão envolvidos com o Cura. O que é necessário, é uma reforma ampla e profunda da Legislação Tributária, para que Estados e Municípios deixem de ser os pedintes da Nação, como vem acontecendo. A aplicação de recursos pelos municípios permite ao povo o controle direto do dinheiro público.

No mais é lutar pelas eleições diretas para Presidente, pois só assim poderão nascer as soluções para a crise. É necessário que se reflitam e se apercebam a necessidade de adotarmos eleições diretas para escolher o próximo Presidente do País, caso contrário, chegaremos à guerra civil e à convulsão social.

Quero neste "plá", agradecer a todo o meu Secretariado, funcionários e todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente para que realizássemos algo de proveitoso em nosso município neste primeiro ano de mandato. Foram, sem dúvida, realizações emanadas de reivindicações populares em prol do nosso desenvolvimento.

corresponder a confiança do povo de Igarassu que o cingeu de forma esmagadora nas últimas eleições.

O povo deve continuar apoiando e prestigiando o Chefe do Executivo para que no final dos seus 6 anos de mandato, ele possa fazer o seu sucesso, e dar continuidade ao seu trabalho obstinado de levar Igarassu à condição de metrópole, pois na sua administração, agora e sempre, é a hora do trabalho, da seriedade e acima de tudo, a hora do interesse em trabalhar pelo progresso do Município.

Além da Escola José Jorge de Farias Sales Filho, o Mercado da Carne, do Centro Comercial de Igarassu, entre tantas outras realizações feitas com suor e sacrifício dado à falta de recursos com que se defrontam os municípios considerados em sua maioria praticamente falidos. Mas foram obras realizadas com esforço, tenacidade e amor à sua terra.

O Projeto Cura? Só trouxe prejuízo à edilidade, tanto na sua forma de pagamento, como nas obras efetuadas de modo deficiente, onde a Prefeitura teve passados ôntos ao reconstruir grande parte dessas obras.

O problema do BNH referente ao Cura, é que os prefeitos assinaram contratos irresponsáveis sem pensar no município, mas assinaram pensando em obras fantasmas. Aqui em Igarassu, o Prefeito Jurandir Bezerra tem sofrido com as prestações altíssimas do BNH através do famigerado Projeto Cura, que praticamente tem levado toda parcela do ICM que o município recebe de transferência do Estado. Mas, quando se tem na mente o desejo de trabalhar, de realizar com pouco dinheiro, este pouco dinheiro é aplicado em benefício da comunidade.

Neste ano que ora se inicia, há promissões de maiores realizações por parte do Chefe do Executivo, pois o seu esforço será redobrado, no sentido de dar à Igarassu o lugar de destaque que ele merece em termos de desenvolvimento.

O EDITOR



O povo teve participação neste primeiro ano do Governo Jurandir Bezerra. A construção do mercado de carne foi uma reivindicação que trouxe benefícios à população.

70% dos estabelecimentos comerciais e construções civis de Arassoiba e Três Ladeiras estão ilegais, diz o Secretário Aldo Acioli, depois da visita àqueles distritos. (Pág. 3)

SECRETÁRIO IÉDO RIBEIRO PRETENDE DAR EXECUÇÃO A DOIS IMPORTANTES PROJETOS.

ANEXO 4

IGARASSU - PERNAMBUCO



Dados Geográficos, Históricos, Econômicos e Administrativos do Município

1977 a 1983



ANEXO 5
IGARASSU — PERNAMBUCO



Realizações da Administração
DO PREFEITO
DR. CLOVIS LACERDA LEITE
1969 - 1973

